

Novo material para o estudo da estatuaria e architectura dos castros do Alto-Minho

Orientação do assunto

Póde bem dizer-se, embora com uma vulgar imagem, que os trabalhos de Martins Sarmiento nas suas estações archeologicas das margens do Ave foram um verdadeiro descerrar de cortina, com que principiou a desvendar-se, na ethnologia portuguesa, uma civilização ignota. Para alem dos romanos, na ordem dos tempos, a noção vaga ou a lenda erudita substituíam todo e qualquer exame de vestigios reaes e apparentes do homem d'essa epoca.

Começou logo de notar-se, como primeiro resultado da revelação, que a Citania de Briteiros não era estancia isolada no meio de uma região essencialmente habitavel.

E nos meandros montanhosos, mormente das nossas provincias setentrionaes, viu-se então palpitarem á flor da terra ruínas idênticas ás de Briteiros e resurgirem troços de muralhas, alicerces de habitações, restos de escultura, montões de ceramica, que se destacavam surpreendentemente dos typos usuaes da antiguidade classica.

Entrava a archeologia nacional em nova messe de estudos. Esses assentos das antigas povoações ante-romanas vinham a ser os *crastos*, guardados inconscientemente pela lexicologia popular.

Uns não passaram de modestas agglomerações de choupanas, onde a arte não illuminou cinzeis. Noutros, porém, um estilo ornamental peculiar consignava no granito as influencias reinantes, legando-nos os elementos mais seguros para esquadrinhar estas longiquas proveniencias.

Raras são essas decrepitas estancias humanas que não estejam ainda hoje, tantos seculos feitos, perpetuadas em povoações ruraes, algumas até diferenciadas administrativamente. Pelas quebradas da provincia do Minho subsistem numerosas aldeias que, em recta linhagem, representam povoados castrejos; aquella das freguesias, a que pertence a maior parte das antigualhas que vou descrever, tem d'esse caracter archaico uma confirmação muito transparente.

Na margem direita do rio Lima, não longe da confluencia do rio Vez, que lhe fica pela esquerda, encontra-se Santiago de Cendufe. É ao castro d'esta freguesia que primeiro me referirei.

Os outros, que tambem aqui serão chamados, pertencem ás freguesias de Aboim de Choças e de Giella. O d'esta appellida-se «Castello de S. Miguel-o-Anjo». Ambos pertencem á bacia do rio Vez, e, inscrevem-se no perimetro do concelho dos Arcos de Val-de-Vez.

PRIMEIRA PARTE

A estatuaría

I. O castro de Cendufe

Situação do castro—A lenda—Ruínas e achados—Etymologia

O castro de Cendufe é um cabeço elevado e dominador. A sua situação orographica permite-lhe ser avistado de grande numero de castros das margens do Lima e do Vez.

Vive nelle uma lenda significativa: chamam-lhe o *castro do mau vizinho*¹. Quem é este vizinho mau? Era S. Tiago, que tinha a igreja mesmo ao pé. Por fórma que aquillo era o dizer dos proprios «mouros» do castro, a quem S. Tiago acoitava, expulsando-os de lá para fóra. Tem, creio eu, originalidade esta chronologia invertida dos factos, que é como lá os explicam. O paganismo, pelo visto, persistia no oppido gallaico. Comtudo o christianismo já ali chegára, e, sob a égide do Apostolo, paredes meias com o *fanum* dos deuses. Quem fez a má vizinhança, notem, foi o Santo, não o idolo. Este é que se doia d'ella, e a sua queixa foi a que nos veio transmittida por boca de christãos.

Esta pagina é uma lenda popular, é certo; mas nas lendas tambem a sciencia busca. E eu recolhi-a conscienciosamente.

De muralhas tem alguns escassos vestigios do lado norte e poente. Nas suas encostas divisam-se tambem trincheiras de terra, sobretudo do lado oeste, quer dizer, do lado do rio Lima, onde a escalada seria singularmente difficil. São altas e despenhadas. No alto do castro ha abundancia de destroços de construcções e um montão mamillar de terra.

Segundo a informação simples das *Memorias Parochiaes* de 1758, o castro fôra, em tempo de Sarracenos, fortificação em que habitava um régulo, e d'isso eram indicios as trincheiras, tijolos, *pedras lavradas* e pedaços de columnas². É a lenda erudita adulterando a historia.

A quem seguir da igreja para a quinta do Carrapassal deparam-se-lhe frequentes restos de paredes de habitações circulares e quadrangulares; e numa leira, sobre o caminho, pôde observar-se uma ruina notavel, de construcção circular, com a altura de 3^m,80 e o diametro de 3^m,60. Essa veneranda reliquia já foi córte de gado, mas para isso destruíram-lhe a entrada.

¹ O Sr. Dr. Leite de Vasconcellos refere outro *castello do mau vizinho* em S. Pedro do Sul (*Religiões da Lusitania*, II, 316). E ha mais.

² O *Arch. Port.*, III, 196.

A cerâmica não é nada rara á superfície do cabeço, mas é escassa de ornamentação. Fallaram-me de uns canos (sepulturas?) de tijolo... Moedas romanas vi eu e possuo algumas. Adeante as enumero.

Muita cousa menda se deve ter encontrado por ali. Recolhi no Museu Ethnologico um caco com suastica gravada em sêco; um fragmento asciforme e utilizado de uma substancia argillosa; um martelo tosco¹ de gneiss, oblongo, e por noticias sei de uma tegula com as vulgares impressões de patas de cabra; de um cossoiro; etc.

Outro achado foi este, em dimensão exacta (fig. 1.^a):

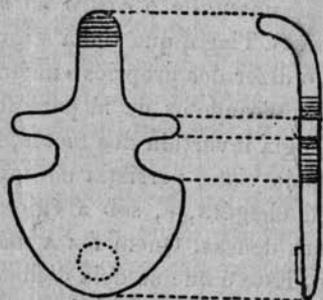


Fig. 1.^a—Fusilhão de fivela visigótica.
CASTRO DE CENDUFE

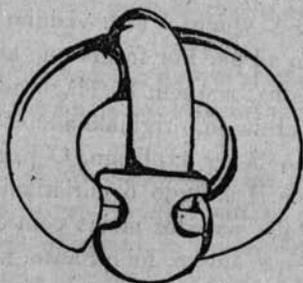


Fig. 2.^a—(Cochet. *Sép. gaul. rom. franç. et norm.*, p. 127)

Não deve attribuir-se á epoca romana, mas á medieval.

É uma pequena peça de bronze, pertencente a uma fivela visigótica, tal como a da fig. 2.^a, que extraio da obra do P.^o Cochet, *Sépultures gauloises, romaines, franques et normandes* (Paris, 1857, p. 127). Esta provém de um cemitério franco do departamento de Eure. Os artefactos visigóticos (e anglo-saxões) eram identicos². O anel podia ser curvo ou anguloso. Propositadamente deixo para derradeira a citação nacional. Esta realiza-se na monographia do mallogrado Paula e Oliveira, *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes in Communicações á Commissão dos Trabalhos Geologicos*, II, p. 85 sgs. A est. III comprehende espolio, caracterizadamente visigótico e não romano, dos cemiterios de Alcoutão e Abujarda, como já accentuei no *Arch. Port.*, x, 17, nota 3. Lá se vêem peças identicas á incompleta

¹ Devo ao meu amigo João Vasconcellos o martelo que foi encontrado no castro á superfície da terra; o caco e o outro utensilio devo-os ao estudioso P.^o Saraiva de Miranda.

² Veja-se do mesmo autor: *Normandie souterraine*, Ruão 1854, est. VII e XI e p. 211 e *Le tombeau de Childeric*, Paris 1859, p. 271.



Fig. 4.^a — Frente do torso da estatua. CASTRO DE CENDUFE.
(*Museu Ethnologico Português*)



Fig. 5.^a—Lado direito do torso da estatua.
CASTRO DE CENDUFE. (Museu Ethnologico Português)

de Cendufe (n.ºs 1 e 2 da est. III). Veja-se fig. 3.^a que representa uma fivela, cujo fusilhão foi desviado da sua posição normal.

Germanico é também o nome da freguesia. Segundo o Sr. Pedro de Azevedo¹ os nomes em *ufe* vem do genitivo *ulfi*.

Quanto ao primeiro elemento da palavra, o que posso dizer é que no precioso *Onomastico medieval português*, do Sr. A. Cortezão (*Arch. Port.*, IX, 245), vem nomes de caracter germanico com identico radical: Cendimiriz (Cendamiru, Cendamiro, Cendemiuro), Cendi, Cendon (Cendoni, Cendoniz, Cendonizi, Cenoiz) e Cendus². Se se deve escrever com C ou com S não sei dizer, mas no mesmo estudo vejo com S (que se pronuncia z) *-sindus* e *-sendus*, que o Sr. Pedro de Azevedo entende corresponder ao godo *swinds*, «força». Será realmente o mesmo tema, que entrava umas vezes como primeiro, outras como segundo elemento?

Nas *Inquirições* de D. Affonso III (liv. IX) esta parochia é chamada *Sancti Jacobi de Rodalio*. Como ainda existe ali um logar do Rodalho, isto significa qualquer mudança de séde, que não invalida as minhas considerações.

Aqui temos pois uma serie chronologica: o crasto, o dominio romano, a lenda proto-christã, o achado visigotico, a etimologia germanica, a freguesia portuguesa.

Tudo isto são porém antigualhas relativamente banaes, se assim posso dizer. As pedras esculpidas é que constituem espolio altamente valioso. Vou descrevê-lo. Começarei pela estatuaria, seguirá depois a ornamentação architectonica.

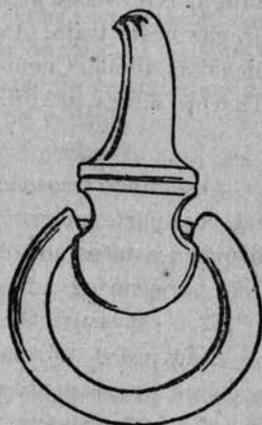


Fig. 3.^a
CEMITERIO DE ALCOUTÃO
(Paula e Oliveira, *Antiq. préh.*
et rom. des curions de Cascaes,
est. III, n.º 1)

II. Os fragmentos de escultura

O tronco de uma estatua—Os pés e a base—Umhas pernas de granito
Autenticidade d'estes restos

São tres os fragmentos. O que as figs. 4.^a e 5.^a representam é a parte de um torso de guerreiro. Não se encontrou senão o que conserva as abas de uma vestidura e a metade superior das coxas. Ainda se vê o

¹ «Nomes de pessoas e nomes de logares», in *Revista Lusitana*, VI.

² Existe também *Cendomus* e *Cendumus*, mas perdi a referencia.

cinturão, que se compunha de uma faixa com tres nervuras salientes e fortes. Do lado direito, a mão do guerreiro devia pousar numa espada curta, de que só escapou a ponteira ou calço da bainha. O resto foi desbastado á toa. Na frente, sobre a região umbilical da figura, avulta um pouco a parte salva do pequeno escudo lusitano, já visto em outras estatuas. É porém ornamentado. A loriga que veste, não era de tecido liso, como creio que em todas as outras estatuas d'esta especie, mas reticulado. Dentro de cada malha um losango, e ao centro um ponto.

A escultura é estreita e acanhada. A secção da fractura, que é antiga, representa uma ellipse com os eixos de 0^m,38 e 0^m,24. Não ha pregas neste traje. As pernas não estão separadas. Um sulco convencional as dividê. Como disse, a parte que existe não alcança os joelhos. Tem de altura, 0^m,68.

O segundo fragmento são uns pés humanos que pousam num pedestal, cuja parte inferior, grosseiramente aparelhada, deveria servir para firmar a estatua ao solo. A escultura dos pés é o mais inhabil possível. Não parecem pés, mas garras temiveis. É a sua altura 0^m,51; largura 0^m,42 e espessura 0^m,29.

Não posso affirmar indefectivelmente que pertençam ao torso de guerreiro, mas penso que sim. O granito é identico e a patina tambem. Se não pertencessem, teriamos nova estatua, da mesma epoca. É bem o pedestal de uma escultura, que, como as estatuas gallaicas, deveria ser cravada no chão. É isto que permite classificá-la, bem como a procedencia, que é a mesma do tronco. Porque, ao resto, hoje, a arte regional não faria obra melhor. Vid. adeante fig. 24.^a

O terceiro pedaço representa um troço de duas pernas unidas. Uma commissura mediana de alto a baixo, mais larga nas extremidades do que ao meio, indica a separação dos membros, e parece mostrar que a secção reproduzida corresponde aos joelhos. Mede de alto 0^m,46. É igualmente trabalho ingenuo. Ao torso descrito não pertence, como é facil averiguar nas proprias figuras. O granito diversifica bastante; era de natureza mais alterada. Vid. adeante fig. 26.^a

Por fórma que, em presença d'estes tres fragmentos, fiquei perplexo sobre o numero de monumentos a que pertenceram. Teremos aqui os restos de outras tantas estatuas? Ou sê-lo-hão apenas de duas? De uma só é que é impossivel que sejam. Um detido exame superficial, feito com o auxilio obsequioso do Sr. Nery Delgado, levou-me á probabili-

dade de serem restos de dois monumentos, pertencendo os pés ao torso principal.

Aqui agradeço á memoria do eminente geologo a sua bondade.

Não póde duvidar-se de que o torso descrito pertença á especie denominada—estatuas lusitanas ou, mais restrictamente, gallaicas. Em primeiro logar elle procede de um castro. Não foi encontrado em pesquisa ou excavação archeologica. Mas é vulgar o aproveitamento para materiaes de construcção de todos os destroços de antigas ruinas, e por isso nas areas e nas vizinhanças dos castros devem visitar-se com cuidado todas as construcções existentes. Ora os fragmentos de que me occupo, foram encontrados em paredes das mesmas encostas do castro de Cendufe em 1907, depois de uma excursão que eu ahi fiz e em que procedi como costume, examinando minuciosamente os materiaes constructivos das paredes das casas, dos muros de vedação, etc.

Nessa occasião, apenas encontrei a parte superior de uma ara que está hoje no Museu Ethnologico, e as pedras ornamentadas que adeante estudarei; mas, a exemplo e instigação minha, uns familiares do meu amigo João Vasconcellos (Arcos de Valdevez) descobriram, na parede de uma propriedade proximo da igreja parochial e do castro, o torso de que me estou occupando e outros fragmentos¹.

A pedra com os pés estava num «cobêrto» da propriedade d'aquelle mesmo cavalheiro e meu amigo. Foi ali examiná-la e assistir á sua remoção o mesmo benemerito apreciador. Emquanto o trabalhador procedia a essa tarefa, este meu amigo conta-me em carta de Fevereiro de 1907 que, informado da proveniencia dos materiaes d'aquella e outras construcções, se lembrou de passar uma revista attenta ás paredes proximas, e grande fôra o seu contentamento quando enxergou a outra pedra com a escultura das duas pernas. Acrescentava o meu caro correspondente que vira mais outras pedras á guisa de modilhões (?), mas só em excursão ulterior poderia tomar alguma providencia acêrca d'ellas, por desconhecer o seu valor.

D'esta maneira, a autenticidade d'estas antigualhas está perfectamente estabelecida, bem como a sua procedencia. Umás, foram encontradas por pessoas do meu conhecimento e amizade; outras, por mim proprio, tudo na mesma área cumvizinha do castro.

¹ A propriedade pertencia ao Sr. Emilio Sotto-Maior. Os achadores da pedra, pela sua dedicação, correram o risco de brigarem seriamente com o caseiro da propriedade, suspeito de algum valor occulto da pedra. Por fim concordou em que ficasse depositario da pedra o Sr. João de Brito Lima, da casa da Commenda, em Tavora; a quem agradeço o bello serviço prestado á sciencia.

III. O traje guerreiro

O padrão da loriga—Exemplos na antiguidade—As turfeiras da Dinamarca
Confronto das épocas—Origem do traje—O *cinctorium*

Apesar de incompleta, a estatua de Cendufe devia ter sido a mais abundante de ornamentação. Falta-lhe cabeça para capacete, como o da procedente de Capelludos; falta-lhe pescoço para um torques, como os das que se guardam no jardim da Ajuda; faltam-lhe braços para as armilhas, como nestas e na de Fafe, mas¹ ostenta um tecido nitidamente lavrado; o escudo foi cinzelado com desenho muito significativo, o cinturão não é uma faixa lisa, nem os restos da espada são inintelligíveis.

Não poderei deixar de ir por partes.

A roda do curto pellote, que o guerreiro de Cendufe apertava á cinta, tem labores que denunciam propositadamente um padrão especial da vestidura. É evidente que o rude escultor intentou reproduzir o aspecto do tecido.

O debuxo é de esquáques, indicados na pedra por sulcos abertos a cinzel; incluso no campo de cada quadrilatero figura outro quadrilatero, menor e independente.

É, emfim, um desenho reticulado o que apresenta a veste guerreira.

Na orla ha uma zona lisa que o cinzel respeitou. Corresponhia sem duvida a uma barra do vestido, talvez diversamente colorida no modelo, como um galão. Por impericia do escultor, o desenho soffre em alguns pontos desvios forçados. O aspecto porém d'este traje era escuro; lá diz Estrabão (*Geogr.* ed. C. Müller, III, III, 128): *nigro omnes utuntur vestitu.*

Não é sem exemplo na antiguidade este padrão.

Num vaso encontrado em sepultura do periodo etrusco, em Vulci (provincia de Roma), ha uma figura que se veste com tecido de padrão igual².

¹ Vacillo no emprego technologico de *saio*, que etymologicamente corresponde ao *sagum* dos AA. e que Moraes quer que se escreva *sayo*. Mas o que chamamos saio é veste differente d'aquillo; julgo ser o que se vê nas estatuas. O *sagum* era uma capa, ou manto, mais ou menos longo. Loriga parece melhor que saio; *lorica*, segundo Rich, abrangia a cota de malhas ou de placas ou de pano, e alem d'isto uma vestidura curta de paisanos.

² «La civilisation primitive en Italie», por O. Montelius, Stockholmo 1904, no *Atlas II de l'Italie Centrale*, est. 271.

Em placas de Baratela, da época gaulesa e dos primeiros séculos da dominação romana, apparece o mesmo desenho. Ainda da mesma época ha um baixo relevo funerario, que representa o duello de dois guerreiros e o saio d'estes é marcado com losangos, distinctos da couraça imbricada¹.

Numa amphora de Thebas vê-se a figura de um idolo, cuja longa vestimenta é indicada por traços em reticulo com um ponto central².

Igualmente numa couraça de Olimpia ha uma figura incisa, em que a vestidura quasi talar é representada pela mesma forma, acrescendo um circulo ou quadrilatero central³.

Juntarei a estas citações a da mesma obra de Saglio & Daremberg, s. v. *Lectus*, fig. 4:388; para mostrar que era esta uma forma de representação de tecidos desde a mais alta antiguidade, e ainda nos *Annales de la Société d'Archéologie de Bruxelles* (xviii, 1904, p. 72) uma figura eburnea do principio do periodo historico do Egypto, em que o aspecto da tunica que a cobre é muito semelhante ao do traje de Cendufe. E se consultarmos J. Macquardt (*La vie privée des romains*, II, Paris 1893, p. 168), lá veremos que este padrão conhecido tinha a denominação propria de *scutula*, e *scutulatus* o vestido que o ostentasse.

Demonstram estas referencias, alem do que aponte, que a parte restante do curto pellote do guerreiro de Cendufe corresponde mais provavelmente a uma *tunica*, no sentido latino, de tela ou tecido, do que a uma cota ou armadura metallica: *lorica hamis conserta*. Comtudo em algumas couraças gregas dos secs. VI e V a. C. apparece este desenho de losangos, por vezes com um ponto central⁴ e em Rich (*Dict. des antiq.*, s. v. *Lorica*) a fig. 3.^a de p. 373 não poderia ser indicada na escultura de granito por processo diverso do que foi empregado na estatua de Cendufe; uma couraça porém não passava abaixo da cintura do guerreiro, e não é este o nosso caso.

Nas outras estatuas lusitanas conhecidas não são ornados os saios, pelo menos não consta isso. É uma singularidade da de Cendufe.

A exhumação archeologica algo nos subministra em apoio da explicação que desenrolei.

¹ *Manuel d'archéologie étrusque et romaine*, por J. Martha, p. 70. Idem, *Atlas de l'Italie Septentrionale*, Stockholm 1895, est. 60, figs. 1 e 2.

² *Urgeschichte der Bildenden Kunst in Europa*, por M. Hoernes, p. 159, fig. 18 (Vienna, 1898).

³ *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, por Saglio & Daremberg, s. v. *Lorica*.

⁴ *Ibidem*.

As turfeiras dinamarquesas tem proporcionado especiaes condições da conservação de substancias eminentemente destructiveis. É a este meio singular que a archeologia setentrional deve o conhecimento directo das vestiduras de lã e dos utensilios de madeira que os homens da idade de ferro lá empregavam. Em Thorsbjerg fez-se, no meado do sec. XIX, o descobrimento de um pano de lã que o guerreiro reconstituído por O. Montelius ¹ ostentava numa especie de pelote curto, sobre o qual vestia a cota de malhas ².

Na fig. 6.^a reproduzo um retrazo d'essa fazenda, estresido pelo desenho da obra referida. Compare-se o padrão do saio do oppidano da Gallecia com o do spatario dinamarquês. É patente a analogia dos debuxos. Nas costas frias do Slesvig e nos outeiros solhosos da Lusitania a indumentaria obedecia, não só ao mesmo motivo ornamental, mas a corte identico. Se repararmos, o que ficou no torso de Cendufe, do uniforme guerreiro, são as abas de um saio tal qual o do combatente escandinavo. Falta-nos o restante, da cintura para cima. Já não é porém pouco o que com isto se apura.

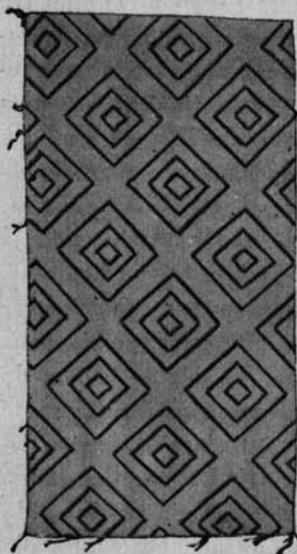


Fig. 6.^a—(O. Montelius, *Les temps préh. en Suède*, fig. 243)

O achado de Thorsbjerg data do sec. III a. C. Na Escandinavia, os povos ainda independentes e atrasados não pertenciam ao imperio romano. Traficavam porém com a civilização d'este, infiltrando-se lentamente da sua cultura. Nesse bom tempo iamós nós meridionaes mais na vanguarda, mas o que era nacional tinha ainda grande olor

de archaismo. Estavamos em epoca historica. Roma subjugava a Lusitania e, ao tempo das estatuas, o declinar do seu prestigio não estava para muito longe. Todavia as artes indigenas ou barbaras podiam conservar analogias através dos seculos e das distancias. Este confronto impõe-se irrefragavelmente.

¹ *Les temps préhistoriques en Suède*, Paris 1895, p. 172. Segundo uma correção de C. Müller ao texto estraboniano, os mantos lusitanos eram effectivamente de lã grosseira ou de pelle de cabra. Os nossos guerreiros são figurados sem esse bellico abafo. A lã e o linho ainda hoje os combinam os nossos teares domesticos do Norte, quer para o trajo feminino, quer para o masculino.

² A ed. de C. Müller (Paris, 1853) traduziu assim Estrabão: *plerique lineis, rari loricatoris utuntur thoracibus*.

O caracter do desenho exclue a influencia romana. Ha ali um motivo antigo e tradicional. Na Escandinavia e na Lusitania alguma comunidade de tradições ditava ao tecelão um debuxo cuja semelhança se reconhece na interpretação glyptica da estatua de Cendufe.

A antiguidade da escultura de Cendufe ficará esclarecida com este cotejo certamente inesperado? O que creio que fica, é confirmada. Largamente circunscrita, consoante as indicações da chronologia relativa e comparada, a epoca, ou por outra, a civilização é a mesma.

Este pellote curto era um trajo guerreiro, por assim dizer, exclusivo da antiguidade. No correr d'este estudo reportar-me-hei a figuras guerreiras de varias epocas e regiões, em que a curta tunica era base do equipamento militar, protegido ou não por couraça, a qual primitivamente era de couro; pelo escudo, cujas fórmias bastante diversificavam; pelo capacete, e algumas vezes por outros accessorios.

No tronco da estatua de Cendufe ha, ainda pertencente ao guarnimento militar, o *cinctorium* ou *cingulum*, formado por tres grossos cordões, cujo fecho ficou occulto pelo escudo. Se nos legionarios romanos e ainda hoje, esse cinto é de cabedal, é mais que provavel que o lusitano cingiria tambem a sua tunica com a mesma substancia.

Nos baixos relevos que cobrem um sarcophago de *Hagia Triada*, vêem-se algumas figuras munidas de cintura. Esta consta de um duplo toro metallico. Como quasi todos os accessorios da figura lusitana remontem a epocas archaicas, não seria para estranhar que aquelles cordões das nossas estatuas reproduzissem os grossos rolos das estatuetas de Creta. (*La Crète ancienne*, pelo P.^o M.-I. Lagrange, Paris 1908). Não tenho, porém, elementos para dizer mais nada.

Do confronto com estatuas similares apenas resalta que é completamente analogo o da escultura de Santo Ovidio (Fafe); e que os das figuras de Montalegre tambem não são faixas lisas, bem como o da de Vianna.

IV. O armamento

1. O escudo ou «cetra»

A *cetra* iberica—Genese da sua ornamentação—Cotejo das suas dimensões

O escudo consagrado pela numismatica romana—Meio bronze inedito

O escudo das outras estatuas

Do vestuario passarei ao armamento; e como peça caracteristica avulta na estatua um escudo ou, muito portuguesmente, uma adarga incompleta. D'ella subsiste, porém, o bastante para sua reconstituição, e d'esta fórmula eu a represento na fig. 7.^a em redução exacta ao $\frac{1}{4}$.

O escudo era um disco, levemente concavo, com uma protuberancia semiesferica ao centro, correspondente ao *umbo*, e em volta d'este desenhos incisos. Olhando a figura, vê-se que, circunscritos ao circulo interno, representativo do *umbo*, existem quatro quadrantes, dispostos crucialmente, separados entre si por estreita faixa e constituídos cada um por grupos de tres sectores, dois internos, successivamente menores, e um externo que circunscribe os outros. Estes sectores são

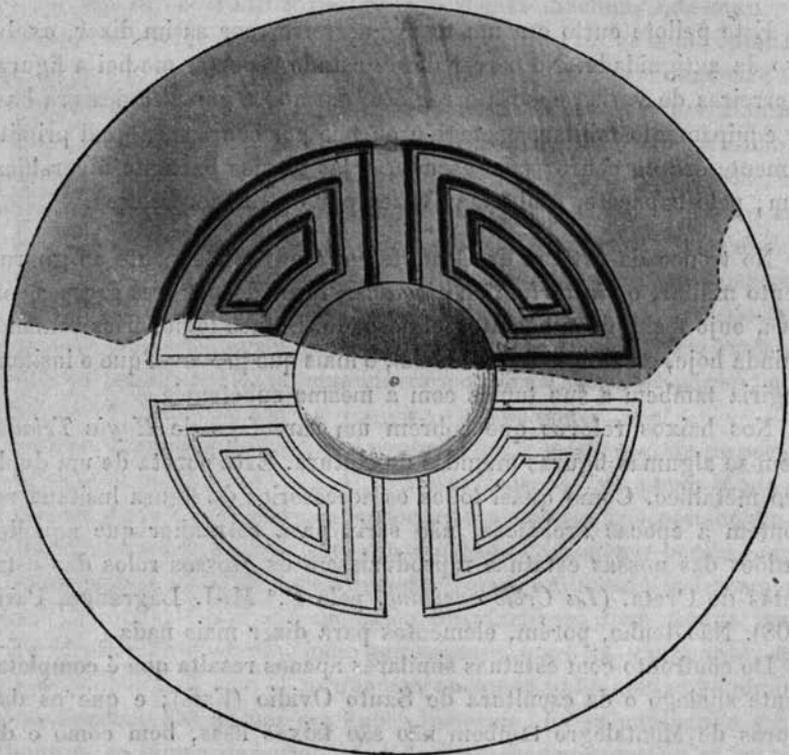


Fig. 7.^a — Escudo lusitano (1/4). CASTRO DE CENDUFE

formados por segmentos de cinco circunferências concentricas, limitados nos lados menores por linhas radiaes, parallelas em cada quadrante entre si e á faixa crucial lisa, que constitue o fundo do escudo. Á roda d'este ornato corre uma larga margem igualmente destituida de la-vores.

Esta ornamentação é, como disse, incisa; e sendo o *umbo* salientado, os sulcos radiaes dos quadrantes maiores vem morrer interiormente contra essa protuberancia.

Este nosso escudo não era nem o *clipeus* dos romanos, nem a *parma*, nem o *scutum*, mas a *cetra*. (*Dictionnaire* de Saglio & Daremberg, s. v. *clipeus*, etc.).

É aquelle o termo de que se serve Silio Italico (*Punica*, III, 347-9), falando dos Callaicos:

*Nunc pedis alterno percussa verbere terra,
Ad numerum resonas gaudentem plaudere caetras.*

Ora o historiador das guerras punicas reporta-se ao tempo de Anibal (sec. III a. C.).

São bastante mais modernas, é certo, as estatuas lusitanas. De qualquer materia que fosse o escudo hispanico, o que se conclue é que o guerreiro era capaz de tirar d'elle um som, que não precisava ser musical, batendo-lhe provavelmente com o gladio, e accentuando por esta guisa a cadencia da marcha, senão desafiando tambem o inimigo. A expressão *bater as adargas* é muito portuguesa para significar um acto de desafio¹, de provocação feita ao inimigo.

O geographo Estrabão dá a informação de que os lusitanos: *aspide-uti parva, cujus diameter duum pedum, cava foras, loris suspensa: non enim fibulas aut ansas habet* (Strabonis Geogr., III, III, ed. C. Müller, Paris, 1853).

Trazia-se na Africa e na Hispania, e o exercito romano de Cesar tinha as *cetratorum cohortes*.

Das sete estatuas que conheço por gravura só duas ou tres ostentam escudo com vestigios de ornamentação: uma, a de S. Jorge de Vizella; a outra, uma das da Ajuda; e a terceira, talvez a de Cabeceiras de Basto, se não ha adulteração... póstuma. Mas a de Cendufe, apesar de ser um fragmento, mesmo áquellas duas sobreleva de maneira verdadeiramente notavel, como vou demonstrar. E uma das deducções da minha demonstração será que estas obras de antiga estatuaria não podem ser anteriores nem posteriores á dominação romana; são puramente contemporaneas². Este ponto, porém, será propositalmente tratado noutro logar.

D'onde promana então a importancia do pequeno escudo, broquel ou adarga para ferir o termo militar nacional, do torso de Cendufe? D'onde é elle conhecido? Como se prova que elle é o genuino e autentico escudo hispano? Tudo se vae ver.

¹ *Dicc. da lingua portuguesa*, por A. de Moraes e Silva, 3.ª ed., Lisboa 1823, s. v. *Adarga*.

² O sr. P. Paris não é categorico nesta contemporaneidade.

Este motivo ornamental, constituído essencialmente por uma figura circular partida em divisões cruciais, ou, como se diz na *Revue Archéologique* (1867, pp. 342 e 397), rodela dividida por uma cruz cantonada de quatro esquadros, é muito antigo e creio que não é só uma fantasia geometrica, mas algo tem de cultural. Não se poderá negar que o desenho do escudo não é mais que uma variante d'este esquema elementar do mesmo motivo (fig. 8.^a).



Fig. 8.^a
Motivo eschematico
da epoca de bronze

Ora isto vê-se numa profusão de antigualhas das epochas de bronze e de ferro, ornamentando fibulas, cinturões, armas, ceramica e amuletos da Italia antiga, da Suíça, da Gallia, etc. E para não encastellar citações, enviarei os leitores a obras, que neste estudo utilizo, de Montelius, Hoernes, V. Gross, Lindenschmit, Evans e cit. *Revue Archéologique*, onde acharão a razão do meu dito.

Como analogia mais frisante com o escudo quero, porém, dar aqui duas figuras que transporto: a primeira (fig. 9.^a), de R. Munró (*The lake dwellings of Europa*, p. 205, fig. 51, n.º 19, London 1890); a segunda (fig. 10.^a), de V. Gross (*Les Protohelvètes*, est. XXIII, n.º 41, Paris 1883)¹. Aquella procede da turfeira de Capriano (valle do Pó, prov. de Cômó); esta é da estancia lacustre Estavayer, no lago Neu-



Fig. 9.^a — (1/2) (R. Munró. *The lake dwellings of Europa*, fig. 51, 19)

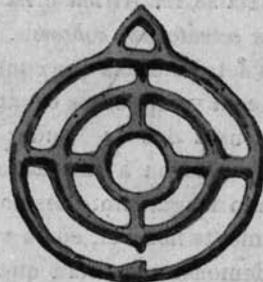


Fig. 10.^a — (1/2) (V. Gross. *Les protohelvètes*, est. XXIII, 41)

chatel, e ambas pertencem a espolios da idade de bronze. São rodela de suspensão, amuletos pendentes com que o homem se enjorcava em tão antigas eras.

O motivo ornamental é perfeitamente o mesmo, embora simplificado, do escudo de Cendufe.

¹ Cfr. também, respectivamente, *La civilisation primitive en Italie*, par O. Montelius, série B, est. 29, figs. 3 e 9. Analogamente posso ainda citar Mortillet, *Musée préhistorique*, n.º 1207.

Aqui está uma linhagem nobilitante; para a archeologia nacional não reside porém só nisto o valor da ornamentação da escultura; mas principalmente em se encontrar decorado com ella o escudo de um guerreiro da Lusitania.

O que não é só característico da Hispania é o escudo pequeno e redondo ou adarga. Aparece-nos elle na antiguidade por varias partes. Temo-lo do periodo etrusco, em Cervetri, assinalado em vasos de prata gravados (Montelius, *ob. cit.*, pl. 338, fig. 2); em placas de bronze de Baratela (Padua) da epoca gaulesa, segundo o mesmo autor (*Série B*, pl. 60). Na mesma epoca e mais chegado a nós pela região, apparece-nos o pequeno escudo circular, com seu umbo e leve, pois que os guerreiros o agitam no ar (*Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, por Cartailhac, p. 334) com o braço esquerdo, nas bellas faixas de Caceres, em que as figuras dos guerreiros se distinguem bem das dos portadores de situlas, e em que a ornamentação de torçal ou cordão tão frisantemente enquadra estas figuras, como analogos motivos na architectura dos castros enquadram a presença das nossas estatuas iconicas de guerreiro, originarias tambem dos mesmos castros. São sincronismos elucidantes.

Em contraposição, nos nossos castros, d'onde são as estatuas militares, considera-se micenense o estilo ornamental, e em Micenas não encontro escudos redondos (Perrot & Chipiez, *Hist. de l'art*, VI).

Prova é, creio eu, que no estudo de uma epoca historica é preciso andar precavido contra os exclusivismos de criterio, que se manifestam, ou reconhecendo uma só corrente modificadora onde se affirmam varias, ou uma corrente directa, quando ella já chega modificada e acrescentada pelo contacto de influencias intermedias. Mas note-se que, apesar do innegavel derrame de sangue celtico nas nossas populações romanizadas, esta arma defensiva não era nada a dos gauleses.

Estes protegiam-se com um escudo enorme, elliptico, da altura de um homem, no dizer de Diodoro (*Diodori S. Bibl.*, Paris, 1842, V, xxx), e brandiam uma espada longa¹, como são as da epoca de La-Tène. Um guerreiro gaulês póde ver-se na *Revue Archéologique*, 1867, XVI, p. 69 e est. XIII²; é de Mondragon (Avinhão). No *Répertoire* de S. Reinach, que cito em nota, o n.º 1 da p. 196 é um chefe gaulês do tempo

¹ *Dictionnaire*, etc., por Saglio & Daremberg, s. v. *gladius*.

² Cfr. *Répertoire de la Statuaire grecque et romaine*, por S. Reinach, Paris 1897, t. II, vol. I, p. 196, n.º 3.

de Augusto, coevo pois das nossas estatuas; o escudo é grande. Esta estatua é de Vachères (Avinhão).

No monetario consular romano, vê-se a *cetra* em denarios de Caecilia, diz Saglio & Daremberg (*loc. cit.*). Identica interpretação propõe J. Evans (*L'âge du bronze*, 1882, p. 382), para os escudos com protuberancias, de certos numismas hespanhoes do sec. II, a. C. Isto levou-me a compulsar Delgado (*Nuevo método de clasificación de las medallas autónomas de España*, Sevilla 1871), Heiss (*Monnaies anciennes de l'Espagne*, 1870), Babelon (*Description historique et chronologique des monnaies de la République Romaine*) e Cohen (*Description générale des monnaies de la République Romaine*), este ultimo citado tambem por Saglio & Daremberg, bem como depois a percorrer as collecções do Museu Ethnologico.

Ora nestas encontrei um bronze procedente de Alcaccer, que é flagrante de analogia no cunho do reverso com o escudo da estatua de Cendufe. O *umbo* central, os quatro sectores dispostos crucialmente e uma orla que decerto, pela indicação da gravura, parece representar uma ornamentação peripherica, talvez de cerdas, collocadas no brocal¹ do escudo.

Esta documentação numismatica de uma escultura, que decerto copiava e reproduzia o que era actual e coevo, é do mais alto interesse e da mais genuína autenticidade.

O bronze de Alcaccer é este (fig. 11.^a):

Não é porém minha a primeira affirmacção de que o cunho d'estes e de outros numismas representam a *cetra* hispanica. A. Delgado (*ob. cit.*, t. III, p. 356) historia a interpretação de umas moedas de *omonia* (aliança monetaria) entre Saguntum e Segobriga, nas quaes a ornamentação do escudo de Cendufe se vê, e diz que foi o Marquês de Lagoy quem em 1846 (*Revue Numismatique*, 1846, p. 318 e 319)² demonstrou já esta these. Antes d'isso



Fig. 11.^a—M. B. inédito de Alcaccer do Sal (*Salacia*) (1/1).
(Museu Ethnologico Português)

¹ *Diccionario da lingua portuguesa*, por A. de Moraes e Silva.

² Como illustração do assunto, acrescentarei que o artigo do Marquês de Lagoy visa a combater a opinião de outro numismata, Mersan, que via no reverso d'estas moedas um circulo ou amphitheatro, e as attribuiu a Saguntum por causa

explicava-se o singular desenho por labirintos circulares (fig. 12.^a), ichnographias de circos e amphiteatros romanos, etc. E esta explicação de labirintos ainda foi a que forneceu o nosso Teixeira de Aragão a Martins Sarmiento, a proposito de um grande bronze citaniense que vem referido e desenhado na *Revista de Guimarães* (XXII, pp. 99 a 101). O numismata português enviou-lhe dizer que o exemplar era de Augusto e de Carthago Nova.

Tal era o sentir do autor da *España Sagrada*, por ver no singular emblema um labirinto, e este existir em bronzes que se distinguíam pela seguinte marca C I N C, interpretada por Colonia Julia Carthago Nova. Heiss (*ob. cit.*, p. 429) acha analogia entre o reverso das moedas de Carisius com o nome de Augusto e o reverso das que tem a *cetra*, tendo sido aquellas cunhadas na guerra contra os Astures e Cantabros, e crê que são da mesma epoca e contemporaneas das cunhagens de *Emerita*. Estes numismas tem sido encontrados nas vizinhanças do theatro d'aquella guerra (Burgos, Lugo). Veja-se *ob. cit.*, est. LXV, figs. 1.^a, 2.^a e 3.^a



Fig. 12.^a — (J. Svoronos. Numismatique de la Crète ancienne, est. VI)

Ora em boa verdade nenhum d'estes bronzes tem no anverso a cabeça á esquerda do exemplar de Alcaccer, mas sim o busto esbelto de Augusto.

Aqui temos pois um numisma colonial inedito. Creio porém poder classificá-lo. Apesar da deterioração, reconhece-se na cabeça robusta do nosso exemplar o typo de Hercules. Comparem-se em Heiss as series de Sexsi, Asido, Gades e Lascuta (*ob. cit.*, pp. 313 e 454), todas punicas da epoca de Augusto. A mesma conclusão emerge do confronto de series de cunhagens autonomas latinas com o typo de Hercules e sem o nome de imperador como a nossa (*ob. cit.*, p. 465). D'estes considerandos resalta a conclusão que o meio-bronze de Alcaccer é um exemplar inedito colonial do tempo de Augusto. E sendo unico, conclue-se o valor d'elle, aliás depreciado pela má conservação.

do caduceo. Segundo Lagoy, o que nellas se encontrava era um conjunto de armas hispanicas, e cita o A. a Vergilio (*Eneida*, canto VII) *loevae cetra tegit*, a Servio que diz que *cetra* era um pequeno escudo de coiro usado em Africa e Hespanha, e ainda a Diodoro de Sicilia que escreve: *minutas gerunt peltas, ex nerviis contextas*, bem como Cesar (*De bello civ.*, I, c. 48): *cetrate ceterioris Hispaniae consecabantur*.

Havia uma variante no cunho d'estes bronzes, que indubitavelmente correspondia a outra variante na gravura das *cetras* da Hispania. O *umbo* era um disco radiado. Nas collecções do Museu Ethnologico ha essa variante em um bronze de Augusto, achado em Alcacer, e em outro que foi de E. da Veiga. São typos já conhecidos das obras de Delgado e Babelon. O disco central estava porém rodeado dos quatro sectores classicos.



Fig. 13.ª



Fig. 14.ª



Fig. 15.ª

(Delgado. *Nuevo método de clasificación de las medallas autónomas de España*, est. CLXVI, n.ºs 39, 40, 41)

Em Delgado vem (est. CLXVI, n.ºs 39, 40 e 41) estes numismas, cujo reverso reproduzo (figs. 13.ª, 14.ª e 15.ª).

São de Augusto e da omonia de Saguntum e Segobriga, pelo parecer do A¹.

Em Babelon (*ob. cit.*, I, p. 318 sgs.) tambem se encontra outra variante da *cetra*; é do monetario de P. Carisio, legado de Augusto (25 a. C.)². A face do escudo é ornada de pontos e circulos concentricos³ (fig. 16.ª).



Fig. 16.ª.—(Babelon.
Descript. hist. et chron.
des monnaies de la Rép.
Rom., I, p. 318)

O apparecimento de um escudo lusitano de pedra em estatua de guerreiro, com o mesmo cunho das moedas, traz porém uma solemne confirmação á affirmativa de que Lagoy teve decerto o privilegio.

Na estatua de Vizella, a *cetra* tem vestigios de la-vores que tambem não são exactamente estes. Ha uns feixes de raios dispostos crucialmente, com os intervallos preenchidos por segmentos de circulos concentricos (*Arch. Port.*, II, 31). A ornamentação, por assim dizer official e autenticada, era

¹ Os symbolos do 1.º bronze são as armas ibericas: *cetra*, adaga, espada curva e lanças. Estas eram interpretadas como *uma rua através do labirinto*.

² Cfr. Cohen, *ob. cit.*, est. x.

³ Esta ornamentação faz lembrar notavelmente um escudo que illustra a obra de Montelius, *Les temps préhistoriques en Suède*, p. 92, e que pertence á epoca de bronze do norte da Europa.

porém a de Cendufe. A figura de Cabeceiras de Basto parece sustentar também um escudo lavrado; não distingo, porém, a especie de lavor que o cobre (*Portugalia*, I, 832). Em ultimo logar, uma das estatuas da Ajuda segura um broquel com labores circulares que não se destacam sufficientemente no photogramma que examinei, e aos quaes por isso não concretizo referencias. Não falarei dos emblemas da adarga do mouro de Vianna. São anachronicos¹.

Do Museu da Sociedade de Martins Sarmiento é referida na *Revista de Guimarães* (XXI, p. 9, n.º 3) uma pedra, em que se divisa muito bem o mesmissimo desenho do broquel do guerreiro de Cendufe. Seria um fragmento de alguma outra estatua? A nota explicativa de M. Sarmiento é muito pouco explicita para o meu intuito; o caso é que a identidade é completa².

2. A espada

A espada iberica e a gaulêsa—Elementos de estudo offerecidos pela numismatica romana—Cotejo das armas achadas em Alcacer com as das estatuas e das moedas—Ascendencia da espada iberica e da de Alcacer e analogias com typos do bronze—A espada das faixas de Cáceres—Suspensão da espada—Nomenclatura romana—Analogias noutras regiões—A extremidade da bainha.

O torso, rude do castro de Cendufe mostra no flanco direito um resto de arma espatiforme, que me obriga a varias considerações, um pouco minuciosas.

¹ O mesmo não ousou dizer dos desenhos que se vêem no peito d'esta estatua, tidos por acrescentamentos. Quer para a cruz, quer para os accessorios d'esta, ha exemplos nas pedras ornamentadas da Citania e em outras antigas. Mas nada affirmo mais concretamente. É uma lembrança. Em todo o caso, veja-se o Marte de Reinach nos *Bronzes figurés de la Gaule Romaine. (Antiq. nationales)* p. 58 fig. 39. Lá se vêem uns S2 como no peitoral da nossa.

² Procurei averiguar da existencia d'este notavel fragmento tri-partido, no Museu de Guimarães. Pelo que colhi das informações epistolares e do escrupuloso desenho que muito obsequiosamente obtive do Rev.º Abbade de Tagilde, esclarecido investigador e publicista, os tres fragmentos que M. Sarmiento encontrou na Citania e coordenou no desenho dos seus manuscritos, foram depois objecto de uma restauração com gesso, feita em vida do grande vimaranense; d'essa restauração, porém, não resultou o motivo da *ceira* que elle parecia ter adoptado, mas um puro triquetra, como tantos outros d'aquella e de mais estações minhotas!

É identico á fig. 2 da est. II do artigo de Virchow intitulado *Excursion dans le nord du pays*, que vem no *Compte-rendu de la quatrième session à Lisbonne* (1880) do *Congrès intern. d'Anthrop. et d'Archéol. préhist.*, e á fig. 4 da *Portugalia*, I, 1.º, em *A arte mycenica no noroeste de Hispania*, por Martins Sarmiento.

Confesso não saber explicar esta inesperada divergencia. Ao Rev.º Oliveira Guimarães agradeço penhorado o que me aturou em epistolas e perguntas, reflexo da minha surpresa.

Os ingenuos escultores d'estas figuras foram indubitavelmente de uma grande fidelidade, porque em todas as estatuas, de que pude ver os desenhos, a espada obedece a um typo uniforme. Arma curta, larga folha e ponteaguda, que se adivinha dentro de uma bainha terminada por um disco, com nervuras parallelas aos gumes, eis o que nos resta como fiel reproducção de um modelo generalizado. Estrabão e Diodoro especificam uma arma, que é tal como agora vemos nas nossas esculturas. Aquelle emprega duas locuções que significam espada curta e cortante¹, ao que este accentua que é arma de gume duplo. Completam-se pois (*Strabonis Geogr.*, loc. cit., e Diodoro, *Bibliot.*, v, 33 e 34).

Em quasi todas as estatuas, as depredações ulteriores destruíram deploravelmente a parte superior d'esta arma. Ligada ao cinturão robusto do lado direito (já Polybio o diz) não pendia verticalmente em nenhum dos exemplares, mas um pouco inclinada.

Da empunhadura nada nos resta, mas logo veremos como a podemos adivinhar sem anachronismo.

Antes de proseguir, posso desde já assentar que o modelo das espadas de *La-Tène* não corresponde, embora fosse a epoca mais adequada, ao das estatuas lusitanas. Bastariam as dimensões avantajadas dos ferros d'aquella época para excluir qualquer semelhança, mas a differença ainda se accentuaria no exame das extremidades da lamina, que naquella estação e cultura era redonda e romba e entre nós ponteaguda².

Os nossos guerreiros tinham tradicionalmente o uso de uma arma mais breve, mas de certo mais temível do que os montantes gaulêses, que, brandidos á bruta, rapidamente se inutilizavam com o cho-

¹ C. Müller traduz: *sica aut ensis*. Am. Tardieu (Paris, 1886, p. 252): *poignard ou coutelas*. Diodoro diz: *gladios gestant ancipites ex ferro exquisito fabricatos*.

² O primeiro typo da espada gaulêsa reproduzia no ferro os caracteres da espada de bronze; simplesmente era ainda mais longa. No sec. III a. C., alem de uma modificação, que não nos importa agora, introduzida na espiga do punho, porque a grande espada não era elastica, foram encurtadas as suas laminas, como um regresso ao typo éneo; em Alesia este segundo typo encontra-se generalizado, sem deixar de apparecer o typo *La-Tène*, talvez por influencia do gladio romano, que por sua vez se encurtára a exemplo da espada iberica. A extremidade da espada gaulêsa era redonda (*Antiquités nationales. Catalogue du musée de St. Germain*, por Salomon Reinach, 3.^a ed., 1898, pp. 111, 112 e 160).

Na *Répertoire* de S. Reinach, p. 196, o n.º 1 é a figura de um chefe gaulês do tempo de Augusto; o escudo é grande, como acima notei, mas a espada é já mais curta.

que nas armas defensivas dos romanos¹ (V. Gross, *La-Tène*, p. 22, nota 1).

A adaga iberica (aqui é *adaga*) aliás introduzida nas cohortes romanas desde a segunda guerra punica (Saglio & Daremberg, *Dictionnaire*, s. v. *Gladius* e *Legio*. Cfr. J. Evans, *L'âge du bronze*, p. 297). exigia um combate ferino e rapido, uma luta que breves instantes liquidavam e em que o sangue dos dois inimigos, misturando-se, se reaquecia, embriagando os combatentes e obstinando-os na sanha do ataque. Pequeno escudo e curto ferro: que duas armas tão bem combinadas para um embate decisivo, para uma justa selvatica!²

O estudo comparativo de natureza numismatica, a que procedi a proposito do escudo, orientou na mesma senda o estudo da espada lusitana. Quero dizer: nos bronzes romanos que observei e figurei, nem só aquelle petrecho defensivo se ostentava. Um troféu ou um conjunto de armas se associava naquelles cunhos. A illação é correntia.

Se o escudo era hispanico, hispanicas e contemporaneas eram as outras armas representadas nas moedas.

Se o escudo caracterizava tão flagrantemente as estatuas lusitanas, as outras armas não podiam deixar de adaptar-se ao mesmo armamento. Aqui temos uma correlação de contemporaneidade estabelecida em bases logicas.

Apertemos agora o circulo d'estes raciocinios e desçamos aos factos.

No reverso dos numismas a que me estou reportando, vê-se, alem da *cetra*, uma espada curta e acuminada, mas simetrica, e um como alfange de lamina encurvada. Temos, pois, tres emblemas e tres armas coevas.

Até aqui os monumentos mortos, apenas figurativos. Vamos aos vivos, isto é, aos reaes.

Estes são, paradoxalmente, os exhumados das ruinas e das necropoles.

¹ V. Gross e S. Reinach dizem que as espadas primitivas dos gaulêses tinham este defeito capital de serem *faussantes*, isto é, dobravam-se, não voltando á primeira fórma. Careciam de tenacidade.

² Polybio diz claramente que chamavam *ibérica* a essa arma terrivel, e ajunta: *est hic gladius et ad punctim luendum excellens et ad caesim ex utraque parte ferendum vehemens* (Polybii—*Ex libris historiarum*, vi, 21). É facil adivinhar que especie de arma, ainda hoje usada em Hespanha, se pôde olhar como herdeira das aptidões da antiga, pelo cunho nacional dos conflictos sanguinolentos em que intervem.

Abro Estacio da Veiga (*Antiquidades Monumentaes do Algarve*, IV, pp. 258-269, est. XXXIII) e encontro o arsenal que teve as honras dos cunhos monetarios dos Romanos. Estamos em civilização diversa da romana e, comtudo, os numismas com estes emblemas pertencem ao systema monetário do grande povo. É a sobrevivencia do antigo.

Estacio levou-me aos esteiros do Sado, ás ruínas de Alcacer verdadeiramente saqueadas. Dois dos bronzes que representei, d'ali vieram.

Outro a que me refiro é da Citania. São analogos aos de Delgado e Heiss. O tal alfange das moedas lá está na referida estampa XXXIII, n.º 5. (Fig. 17.^a).

D'elle não me occupo agora, mas era indispensavel dizer isto, porque esta simples referencia é o traço de união para o que se vae seguir.

Mas que armas são aquellas, breves e robustas, reproduzidas pelos n.ºs 3 e 4 da est. de Estacio? (Fig. 18.^a) (Cfr. *Arch. Port.*, I, 79, fig. 1.^a).

São os modelos vivos das que foram cunhadas nos bronzes coloniaes e esculpidas nas nossas estatuas lusitanas. Podemos tocar-lhes e medi-las. Existem ainda. No Museu Ethnologico e no Museu de Artilharia (Sala «Pimentel Pinto») archivam-se algumas.

Por esta concatenação de factos, posso logicamente completar as espadas que os chamados guerreiros lusitanos empunhavam, mas que se acham mutiladas em quasi todas as estatuas.

A identidade d'estas laminas nos vestigios existentes é visivel; claramente o typo d'ellas era uniforme.

Na estatua de S.^{to} Ovidio, em

Fafe, a curta arma termina por um disco na bainha e outro no punho. (*Arch. Port.*, II, 30).

Na de Vianna (*Noticias archeologicas de Portugal*, por E. Hübner, p. 93) não existe o disco no extremo da bainha, mas a arma é, como as outras, de folha acuminada e simetrica.

A de Cabeceiras de Basto segura tambem uma curta espada ponteguda, que não conheço particularizadamente (*Portugalia*, I, 832).

As da Ajuda parece que tambem empunham um pequeno gladio.



Fig. 17.^a
Espada de Salacia (1/2).
(Est. da Veiga. *Antig. monum. do Algarve*, t. IV, est. XXXIII, fig. 5.^a)



Fig. 18.^a—Espada de Salacia. (Est. da Veiga. *Ant. monum. do Algarve*, t. IV, est. XXXIII, fig. 4.^a)

Na de Cendufe a ponteira da bainha é igualmente um disco ou botão. Na estampa de Estacio da Veiga a arma n.º 3 (e não 5), que conserva bainha, lá mostra o appendice terminal que nas estatuas lusitanas se desenha. O punho d'este é que termina em duas esferas collocadas em forquilha, como as antennas de certos insectos, denominação aliás consagrada por E. Desor (V. Gross, *Les Protohelvètes*, p. 32). Deve notar-se a coincidência de que este armamento provém dos campos de Alcacer, e que duas das moedas, que represento, de Alcacer procedem. As moedas são romanas (coloniaes); as armas são propriamente preromanas, mas a associação de todos estes emblemas monetarios, inclusive do escudo, documenta a sobrevivencia dos typos antigos. Conclue-se que o armamento do militar lusitano-romano era tradicional e archaico, e posso acrescentar: nada gaulês...¹.

Alem d'isto os sulcos, que accentuam varios dos terçados nas estatuas de pedra, vêem-se na bella arma n.º 3 das *Antiquid. monum. do Algarve* (IV, est. XXXIII).

O Museu Ethnologico possui uma d'estas curtas espadas de antenas, que figuro na p. 224. (Fig. 19.^a). De antenas era tambem, embora rudimentares, a arma representada no *Arch. Port.*, I, p. 79, outrosim de Alcacer. Este typo, perfeitamente adaptavel ás estatuas lusitanas, como se conclue do que deixo escrito, é assaz conhecido, e

¹ O que havia de commum com o gaulês não fazia rigorosamente parte do armamento, mas do adorno do guerreiro, como o torques e as armlhas. A loriga era vestidura de uma universalidade tal nas antigas eras, que por esse lado nenhum confronto se pôde estabelecer. E contudo eram preromanos e contemporaneos (largamente considerados) estes guarnimentos e a infiltração ethnica tinha-se operado innegavelmente.

O escudo e a espada, este casal inseparavel do guerreiro, eram diferentes a mais não poder ser (*Revue Archéologique*, 1867, XVI, p. 69 e est. XIII). Veja-se tambem S. Reinach (*Répertoire de la statuaire gr. et rom.*, II, I, p. 196, n.º 1). Na numismatica consular ha um denario cujo reverso aqui represento e que é visivelmente curioso para o nosso caso. (Fig. 20.^a). Figuram-se nelle dois troféus que me parecem corresponder, um, o da esquerda, ao armamento iberico, o outro, o da direita, ao armamento gaulês. Naquelle o escudo é um broquel circular, que contrasta com o do outro troféu em que o escudo é oblongo e grande. Alem d'esta differença, vê-se no iberico o elmo empenachado (*tres cristas habentibus galeis*: Strab., *loc. cit.*), como foi descrito pelo Sr. Dr. L. de Vasconcellos no *Arch. Port.*, e no gaulês o capacete conico, tal como a archeologia o exhumou nas necropoles da Gallia. Acresce: a espada do ibero á direita, a do gaulês, que era muito mais avantajada, á esquerda (vid. adiante p. 228). O denario é da familia Coelia e vem na obra de Babelon, já citada, I, p. 373.



Fig. 20.^a — (Babelon.
Descript. hist. et chron.
des mon. de la Rép. Rom.,
I, p. 375)

personaliza-se desde um periodo já adeantado da epoca de bronze e das palafitas helveticas até muito mais tarde, como vemos em Alcacer, onde elle se realizou industrialmente no ferro ao lado de outras armas contemporaneas da mesma divisa¹. Tem sulcos e ponteira esferica como os terçados das estatuas. Conviveu com a espada curva em Alcacer, como nos bronzes coloniaes romanos. O comprimento da de Alcacer são 0^m,46. No torso de Cendufe não é facil averiguar com exactidão o comprimento da arma, mas deve estar comprehendido entre 0^m,37 e 0^m,40, deixando de parte o disco terminal². Mas em boa verdade não podemos ter confiança inteira, nas dimensões da escultura.



A ascendencia porém d'estas armas é remota. Se o escudo nos conduziu á epoca do bronze, a espada nos fará o mesmo.

Nada menos do que no chamado *larnaudien* por Mortillet (*Musée Préhistorique*, n.º 1062) e nas palafitas da Suíça (V. Gross, *Les protohelvètes*) encontramos a espada de bronze com antenas, originariamente de espiraes, e agora *bulliformes*, mas com a empunhadura ornada

¹ Por exemplo, a espada curva que já existia no bronze.

² É por isso que não chamo punhal a estas armas. Segundo V. Gross (*Les Protohelvètes*, p. 31) as espadas das palafitas suíças tinham de 0^m,43 a 0^m,50 de comprimento. Os punhaes da epoca de bronze são muito menores e de contornos muito diversos. Lindenschmit tambem appella *kurzschoert* («espada curta») o exemplar a que me refiro no texto.

L'absence exclusive du poignard, cette arme si pratique par sa légèreté, dont l'usage était si général à l'époque de Hallstadt et même aux époques antérieures, a lieu de nous étonner, et il faut admettre que le mode de combat usité alors, rendait son emploi inutile; isto é de V. Gross, *La-Tène*, p. 20.

Fig. 19.^a—Espada de Salacia (1/3).
(*Museu Ethnologico Português*)

Vê-se quanto a longa espada de La-Tène é diferente da curta e mortifera lamina da Iberia. O punhal da epoca de bronze é de genero muito diferente; não pôde considerar-se ascendente do gladio lusitano (V. Gross, *Les Protohelvètes*, pp. 37 e 38).

de cordões ou anéis e massiça, como a adaga de ferro de Alcacer. Segundo V. Gross, é um typo secundario do typo de Moeringen, que por seu lado tambem não é o primitivo da epoca.

Mas depois em Hallstadt, cujo cemiterio deu 109 armas inteiramente de bronze, mais 510 de ferro ou de bronze no punho e de ferro na lamina, e que, segundo Sacken, teria começado a povoar-se no primeiro millenio a. C., o typo reproduzido em Alcacer accentua-se melhor, dando-nos por exemplo Lindeschmit¹ uma espada de ferro d'aquella procedencia, com antennas esfericas de 0^m,48 de comprimento.

Em Montelius (*La Civilisation primitive en Italie*, est. 62) vê-se, da sepultura de Sesto-Calende, que é da primeira parte da epoca gaulêsa, aquella que corresponde ao periodo de Hallstadt, uma espada curta de ferro, com antennas e comprimento de 0^m,49. Na est. 64 mostra-se outra arma curva (associada á recta no monetario colonial, como vimos) igualmente com antennas e da mesma epoca (Cfr. *id.*, est. 59, n.º 12). Uma d'estas (n.º 13) tem gravado um guerreiro munido de escudo redondo.

O nosso terçado lusitano tinha provavelmente *espiga* dentro da empunhadura; esta e a folha constituem, pois, duas peças cravadas uma sobre a outra; tal circumstancia tambem pertencia ao bronze, ás palafitas e a Hallstadt; o mesmo ainda succede invariavelmente com as grandes espadas de La-Tène².

Devo, porém, dizer que as primeiras espadas de bronze (Mortillet, *ob. cit.*, n.º 856 e V. Gross, *Les Protohelvètes*, est. XI, 4 e XII, 2) tem uma espiga chata, que é a continuação da folha, e é destinada a ser protegida por um punho de substancia destructivel; o exemplo d'aquelle autor é do Sena, o d'este de Locras, mas de igual modelo ha punhos de bronze e de ferro, da epoca de Hallstadt em França (*id.*, n.ºs 1358 e 1359).

¹ *Das rom. germ. central Museum*, Mainz 1889, est. XLVI, n.º 11.

² Eu estou-me servindo d'estas expressões da palethnologia europeia, á falta de outras mais nacionaes e verificadas na peninsula iberica. Anseio pelo dia da nossa emancipação scientifica; nós temos de estudar o nosso desenvolvimento e evolução industrial, tanto nas epocas prehistoricas como nas protohistoricas, em harmonia com os factos archeologicos nossos; ora o synchronismo com a Europa póde não ser completo. Estabelecer uma correspondencia das nossas epocas com as estrangeiras, é evidentemente necessario; mas epigraphá-las com divisas nacionaes, tambem necessario me parece, e exequivel. A outros investigadores, a quem não falte competencia e autoridade, impende a tarefa.

É certo, porém, que espadas havia em que a empunhadura era distincta da lamina, á qual adheria apenas pela cravação, á guisa dos mais antigos punhaes de bronze. Era o que succedia, talvez, no exemplar n.º 845 de Mortillet, que é do Gard; no de transição de Moeringen (V. Gross, *Les Protohelvètes*, est. XI, 1; cfr. Mortillet, *Musée Pré-historique*, n.º 1355), e sem duvida no typo de «janela» (passa a expressão?) no punho (V. Gross, *ob. cit.*, est. XII, 6). Aquelle é de bronze e ferro, este todo de bronze. Estas armas deviam ser só apropriadas para o bote de ponta.

De maneira que algumas fórmãs mais simples subsistem através dos tempos, ao lado de outras de diversa factura, que vão surgindo.

Em todo o caso, o que não se póde negar, é que a empunhadura biconica ou «cupiforme» (desculpem o simile) com aneis ou cordões e rematada em antennas, que se vê na curta espada de Alcacer, pertencem a typos archaicos da epoca do bronze na Europa central, da maior parte das palafitas da Suíça e foram conservadas em Hallstadt¹. E a mesma conclusão, que emerge do cotejo dos typos apresentados por Mortillet, resalta da aproximação, na obra de V. Gross (*Les Protohelvètes*), do modelo considerado mais antigo da Suíça, o de Locras, todo de bronze, com outro todo de ferro, da epoca de Hallstadt, e que provém da Côte d'Or (Mortillet, *ob. cit.*, n.º 1359). Esta arma de ferro é, por exemplo, perfeita replica, na espiga chata, da do Loire (*id.*, n.º 1068), que é toda de bronze.

É certo que nas estatuas lusitanas melhor conservadas, o remate do punho ou maçã, é constituida por uma bola, e não por duas, como no typo de Alcacer; não é menos certo, porém, que, ao lado dos punhos antenniformes d'esta procedencia, appareceram não só os de uma bola, como tambem os curvos á guisa de alfange, e estes dois ultimos especimes são os que lourejaram nos bronzes romanos ao lado da *cetra*. Por fórmula que as minhas considerações tem perfeito cabimento.

Numa ara, aliás fragmentada da grande collecção lapidar de Endovellico, exposta no Museu Ethnologico, vê-se o resto de um relevo lateral em que se figurava uma arma munida de punho antenniforme. A ara será já do sec. II ou III.

A analogia do ferreo gladio² do Sado com typos da epoca do bronze

¹ No conceito de V. Gross, a necropole de Hallstadt ultrapassou alguns seculos as palafitas, por fórmula que estas deviam ser abandonadas pelos VIII a X sec. a. C. Tambem ha palafitas sem metaes (*Les Protohelvètes*, passim).

² Não me façam cargo de abusar do termo *gladio*, porque, segundo Rich, é significação generica.

não se afirma só na empunhadura massiça e no remate bifido, mas no guarda-mão e na transição do punho para a lamina. Na generalidade das espadas da epoca do bronze que não sejam de espiga laminar, mórmente nas das palafitas, o guarda-mão mostra uma pequena arcatura central, um semicirculo, a que corresponde no bocal da bainha outro arco ou semicirculo condizente. Esta parte da bainha, que era então em regra de madeira (V. Gross, *Les Protohelvètes*, p. 37) desapareceu; vê-se comtudo num exemplar do Gard (Mortillet, *Musée Préhistorique*, n.º 845). Na epoca de La-Tène o pequeno appendice campanuliforme é um característico muito diverso (V. Gross, *La-Tène*, p. 22). Ora no nosso exemplar, o guarda-mão e o bocal da bainha são moldados naquellas mesmas linhas, embora com mais uns apuros de fôrma e ornamentação, que denotam a elevada technica metallurgica que já então se praticava¹.

Nas faixas de Caceres (Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, p. 334), a que já me referi, relacionando-as ao estilo dos nossos castros, as figuras dos guerreiros ostentam uma breve arma na mão direita, pon-

¹ Seja dito de passagem, mas utilmente, que na face externa d'esse bocal ha uma ornamentação perfeitamente identica a alguma da celebre *Pedra Formosa* da Cítania e de outras pedras citanienses (figs. 21.^a e 22.^a), e na empunhadura correm



Fig. 21.^a — Lavores de uma pedra da Cítania de Briteiros. (Museu de Guimarães)

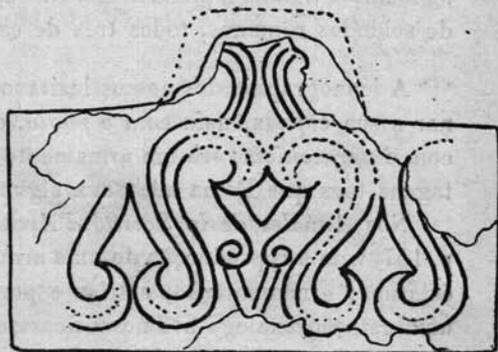


Fig. 22.^a — Lavores que ornam o bocal da bainha da espada de Salacia, fig. 19.^a (Museu Ethnologico Português)

espiraes e ondas que tem analogias completas em esculturas de outros castros do norte. Afigura-se-me fecunda esta aproximação. Se as armas eram importadas, evidentemente era a sua ornamentação que inspirava o cinzel dos canteiros, e não o contrario. Esta arte de gravar as bainhas patenteia-se em exemplares de La-Tène (V. Gross, *La-Tène*, est. 1), mas em Alcacer as fôrmas do typo de espada são da epoca do bronze.

teaguda num extremo, embolada no outro. Deve ser a arma iberica, o curto gladio dos nossos guerreiros. Á cinta tem aquelles uma faixa bem diversa da que cinge os conductores de situlas votivas; é o *cintorium* ou *cingulum* militar.

No terçado de Alcacer a bainha era de substancia destructivel; tinha, porém, de ferro as cotas longitudinaes, as braçadeiras e o bocal. As braçadeiras, em numero de duas, tinham lateralmente dois aneis, onde passavam outras tantas argolas moveis, por meio das quaes de certo pendia a bainha á cintura ¹.

Das estatuas lusitanas o modo de ligar a bainha á faixa da cintura não consta. Em todo o caso, as espadas andavam á direita do guerreiro e não á esquerda, o que facilmente se coaduna com a brevidade da arma. Do lado direito seria impossivel ao espartario arrancar de uma longa lamina com a mão direita. Não sei se o terçado de Alcacer pendia do *cingulum* á direita ou de um talim (*balteus*) á esquerda; a dimensão da arma o que indica é que ella era propria para andar á direita e não á esquerda. No equipamento das cohortes, os hastarios usavam á direita a espada, que elles chamavam iberica (Polybio, *loc. cit.*, e Saglio & Deremberg, *Dict. des antiq.*, s. v. *Legio* e *Gladius*), perforante e cortante de ambos os lados. Os velites, criados em 211 a. C., tinham igualmente a espada iberica e como aquelles, hastas, mas o escudo era diverso (*parma*), embora tambem redondo e ligeiro. Já no cêrco de Alesia os legionarios tinham aquella arma. Na columna de Trajano vê-se um grupo de soldados romanos, todos tres de espada á direita.

A iconographia dos nossos lusitanos de pedra não permite relacionar a sua espada, nem com o *pugio*, que era trazido á esquerda, nem com o *parazonium*; era um armamento tradicional e ancestral e de vantagens taes que Roma adoptava alguns dos seus elementos.

Nos *Annales de la Société d'Archéologie de Bruxelles* (xix, 1905, p. 157) vem a reproducção de uma arma que deve ser igual á das nossas estatuas; ornamentação, estrias e ponteira são identicas. Provém de uma estação analoga aos nossos castros, de um *oppidum* belga, Tittelberg, onde tem apparecido moedas gaulêsas e romanas de Tiberio a

¹ As braçadeiras não tem exactamente o perfil correspondente á secção transversal da bainha. A meio do eixo longitudinal d'esta desviam-se ambas descrevendo um arco, e deixando assim dois espaços semicirculares actualmente devolutos, em seguimento um do outro, e situados na linha mediana da bainha, através dos quaes passaria não sei bem o quê, mas qualquer cousa que servisse á suspensão da arma.

Constantino. Pois essa arma é capitulada de *parazonium* na referida Revista (Fig. 23.^a). Análoga á espada dos nossos lusitanos de Alcacer, afigura-se-me a denominação menos bem applicada, porque tambem a considero arma ancestral. Um dos nossos lusitanos podia sem anachronismo cingir-se d'esta arma.

Lindenschmit, já varias vezes citado (*Das rom.-germ. central Museum*, 1889, est. XXVII), reproduz um *gladius* romano, porém maior, munido, como o nosso terçado de Alcacer, de duas braçadeiras e quatro argolas livres, procedente de Maiença e com o comprimento de 0^m,82. Seguramente o modo de suspender estas duas armas era o mesmo, mas eu creio que ella pendia de um cinturão (*cinctorium*) e não de um talim (*balteus*), attendendo a que em Alcacer elle é coevo das armas curvas¹ representadas nas moedas, onde se vêem a *cetra* e a espada, que caracterizam tambem a iconographia das estatuas lusitanas, onde não se encontra mais que o *cinctorium*.

Da Galliza conhece-se uma arma de transição com antenas (Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, p. 247. Vide tambem *Museu Español de Anteg.*, IV, p. 164; estudo de Villa-Amil). Segundo informa aquelle A., no Museu de Madrid ha punhaes da mesma categoria, procedentes de Guadalara e Cordova, semelhantes ás pequenas espadas de antenas do sul da França e dos Pyreneus em especial.

Tratando dos achados de Alcacer, o mesmo A. tambem nota a analogia das nossas espadas antenniformes com as dos Pyreneus, do Lot e do Tarn, e presume que, com os vasos italo-gregos, ellas não eram senão um producto exportado da Etruria, depois de perdido o poder marítimo dos celebres habitantes d'esta região, isto é, nos secs. VI a III a. C. (Veja-se minha nota 2 da p. 227). Parece deduzir-se das suas reflexões que esta particularidade das armas era antagonica com a existencia de celtas naquella região da França; o que não desdiz, a meu juizo, do uso na Lusitania da pequena *cetra*, diversa quanto póde ser do escudo gaulês, como



Fig. 23.^a—Espada de Tittelberg. (*Ann. de la Soc. d'Arch. de Bruxelles*, XIX, p. 157)

¹ Lindenschmit chama a estas armas: *Dolchmesser*, literalmente: «punhal-faca» mas que julgo poder traduzir-se pela nossa expressão «faca-de-mato» (*ob. cit.*, est. XLVI, n.º 19).

atrás já deixo observado¹, e portanto estranho á influencia d'estes povos, que apesar d'isso cá existiam desde o sec. v.

O caso é que na orla do mar lusitanico foi que vieram encontrar-se estas armas, que, associadas nas moedas aos grandes cutelos, facas-de-mato ou alfanges, e á adarga das estatuas, apparecem no mesmo local a) em realidade e b) em emblemas monetarios.

Acabamos de ver que, se a gravura do escudo lusitano nos conduziu a symbolos da epoca de bronze, o gladio adoptado pelos guerreiros da mesma região, em periodo romano, ascendia tambem a paradigmas da mesma antiga epoca.

Se nos voltarmos agora para um pequeno appendice da referida arma, tal como se vê na estatua de Cendufe e sem discrepancia nas outras do mesmo sangue, qual é a ponteira, botão ou calço terminal, as conclusões são as mesmas e até é a mesma a observação de que, na epoca chamada de La-Tène, esses appendices, que então poderiam justamente merecer o nome actual de guarda-lamas, pelo tamanho da arma, tem aspecto muito diverso dentro das fases por que evoluíram.

Do bronze e das palafitas vêem-se ponteiras, mais ou menos discoides, na citada obra de R. Munró (*The lake-dwellings of Europe*, 1891) fig. 19, n.º 4, do lago de Genebra (Luisel) e fig. 21, n.º 20, do lago de Bourget, e em Gross (*Les Protohelvètes*), est. XXV.

Na civilização de Hallstadt, esse remate continuou a ser empregado, como pôde verificar-se no atlas já citado de Lindenschmit, est. XLVI, em o n.º 13 (compr. 0^m,425, de Hundesigen), n.º 18 (compr. 0^m,414, da Baviera), e n.º 22 (compr. 0^m,41, de Hallstadt).

Na Italia Central da idade de ferro, e no periodo etrusco, as esferas terminaes conservam-se, como se pôde ver em Montelius, *ob. cit.*, est. 252, n.ºs 1 e 7, e 258, n.º 12.

V. A base da estatua

Dos dois fragmentos de pedra, que representam os membros inferiores de duas estatuas, o que merece algumas palavras é o da fig. 24.^a Como se vê, é um mal desbastado parallelipedo de granito, sobrepujado por dois pés humanos, que nelle se firmam como com absurdo esforço de prehensão. É evidente que isto resultou apenas da impericia do artista.

¹ Vid. p. 215.

O Sr. P. Paris (*Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, p. 71) presume que, se os escultores das estatuas lusitanas tivessem de representar totalmente os membros locomotores dos originaes, não deixariam de os cinzelar calçados.

Este fragmento vem demonstrar (tanto quanto é provavel que elle pertence a uma figura d'este genero) que o rude lusitano pisava nuamente, sem protecção alguma, o solo da sua patria, e que, armado e equipado, elle daria a impressão que hoje nos dá um guerreiro africano, marcialmente apetrechado, mas descalço de pés. Não nos diz Estrabão que o lusitano dorme no chão e em camas de feno¹?



Fig. 24.^a — Base de uma estatua. CASTRO DE CENDUFE. (Muscu Ethnologicu Protuguês)

Que muito é, pois, que elle desprezasse qualquer meio de protecção para a epiderme das suas plantas? Alem d'isto não haveria aqui alguma

¹ Palavras de Estrabão no liv. III: *plerumque in sagis degunt, in quibus etiam supra thoros herbaceos dormiunt e antes humi cubant*. Na Beira Baixa (Idanha) nas *mãlhadas*, ha uma construcção que se destina á habitação do porqueiro. A cama é a dos lusitanos de Estrabão, um montão de ervas ou feno sêco e o samarrão ou galeão, e não se pense que é uma excepção ou uma imposição de extrema pobreza; são todas assim. Não se póde pois deixar de ver aqui a sobrevivencia dos *thoros herbaceos* e a fidelidade do geographo do sec. I a. e d. C.

preocupação artistica de caracter hieratico? Isto prende-se com a interpretação que se possa dar a estas figuras, como adeante se verá.

Por uma d'estas coincidencias (outra cousa não julgo) vejo em Montelius (*ob. cit.*, est. 199, n.º 9) um troço de pedra com semelhança inesperada com a pedra de Cendufe. (Fig 25.^a)



Fig. 25.^a—(O. Montelius. *La civilisat. prim. in Italie.* Atlas, est. 199, n.º 9)

Provém da Italia Central, de uma sepultura de inhumação do periodo etrusco. Sem que cada uma d'estas pedras seja um elo da mesma cadeia de transmissões artisticas, o que parece é que deante de modelos identicos, identica deve ser a escultura primitiva; e sendo, em ambos os fragmentos, humanos os pés, a pedra denotaria a existên-

cia de habitos analogos no homem ou no guerreiro e quanto á epoca, em todo o caso uma correspondencia chronologica, não absoluta, mas

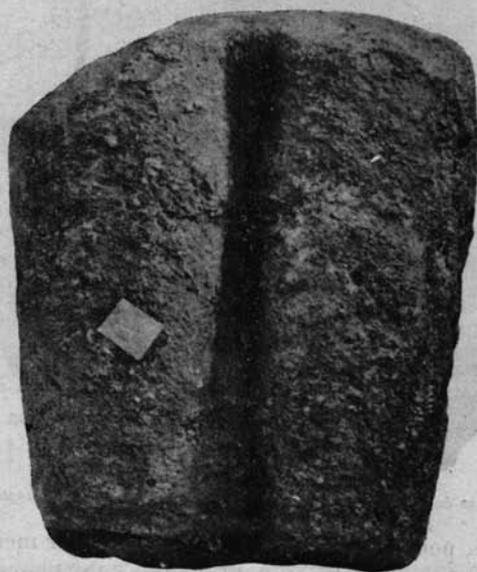


Fig. 26.^a—Troço de estatua. CASTRO DE CENDUFE. (Museu Ethnologico Portuguez)

relativa, visto como já fica demonstrado que é archaismo ou sobrevida quasi tudo quanto caracteriza as estatuas lusitanas ¹.

¹ Na mesma estampa, agora citada, de Montelius estão reproduzidos uns fragmentos de estatuas que, embora aparentemente de outro sexo, não deixam de corresponder a productos artisticos analogos aos dos autores das estatuas lusitanas.

A porção subjacente da pedra tinha sido apenas desbastada e evidentemente se destinava a ficar enterrada no solo.

O outro fragmento escultural não tem caracter; pôde pertencer a todas as épocas e a todos os estilos. (Fig. 26.^a).

VI. Critica das estatuas

1. Sua antiguidade

Seu valor artistico—Confrontos com outras

Foi decerto o archaico que envolve inconfundivelmente estes productos ingenuos da arte indigena que gerou no criterio, aliás eminente do Sr. P. Paris, a duvida, que elle não occulta, acêrca da contemporaneidade d'estas estatuas com a civilização romana, lembrando-se até o referido publicista de explicar por um acrescentamento ulterior o estranho letreiro da estatua de Vianna, irreverentemente aberto no saial do guerreiro¹. Adeante tocarei este ponto debaixo de outro aspecto. Aqui só quero dizer que a estatua de Cendufe, com a *cetra* autenticada pelos bronzes coloniaes de Augusto e pela associação dos outros emblemas, cuja existencia se verifica nos achados de Salacia, corta todas as duvidas de um só talho, emergindo comtudo a verificação de que os petrechos militares, com que se armava o lusitano, eram muito preromanos e tradicionaes, embora transformados industrialmente em harmonia com o progresso metallurgico da epoca.

Seria inutil procurar o lume da arte nestas rudes esculturas, nativas aliás da mesma peninsula, em cujas pedreiras se criou o admiravel busto de Elche, de idade muito mais propecta.

O autor das nossas estatuas foi um artifice de occasião. O que elle procurou realizar na pedra foi a copia exacta de um modelo vivo. A ausencia de educação profissional abastardou-lhe o concurso dos seus

¹ Consistiria a meu ver em forte argumento contra a coevidade da epigrafe e da estatua de Vianna o allegar o Sr. P. Paris que nem todas as outras estatuas humanas apparecem com esta circumstancia; seria effectivamente esta particularidade uma anomalia que só tivesse a sua explicação na hypothese de constituir uma adaptação ulterior á epigraphe, se as esculturas dos berrões, innegavelmente *signa sepulcraes* como as dos guerreiros, não tivessem tambem no corpo epigraphes de natureza funeraria (Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 734, 947, 2727, 2910, 3051, 3052). A estatua de Castro de Rubias (*id.*, n.º 2516) é a outra que tem dedicatória tumular.

Seja qual for a solução do problema, á verdade que da estatua de Cendufe dimana, não se podem cerrar os olhos. Ella é contemporanea das cunhagens coloniaes de Augusto.

esforços. Sentimento artistico? . . . não houve a docilidade do cinzel necessaria para elle se revelar.

Uma estatua d'esta especie é comtudo o primeiro passo do realismo. É o primitivismo, se me permitem dizê-lo assim. Nas esculturas do Cerro de los Santos, nas nossas estatuetas de bronze, pôde pretender-se esquadriñar a corrente artistica, a linhagem da escola que as produziu. Aqui impossivel de todo. Não ha estilo, não ha technica, não ha inspiração. Unicamente transparece um desejo fixo—o de reproduzir com rigor um modelo contemporaneo.

Que commençação nos enviam estas obras, quando de rosto as contemplamos? Nenhuma. As nossas fibras da sensibilidade esthetica permanecem dormentes.

Acceito que nenhuma corrente artistica depôs na nossa terra estas esculturas ingenuas, o estudo da sua iconographia serviu para as ligar ás tradições existentes ainda na epoca a que pertencem e nobilitá-las pela alta linhagem da sua ascendencia, que ficou esmiuçada com a possível minuciosidade.

Deante d'estes rudes monumentos o Sr. P. Paris horroriza-se pela brutalidade da escultura e infere a barbaridade social dos habitantes. Os gaulêses com o contacto dos romanos achavam-se muito mais policiados (*ob. cit.*, p. 73).

É innegavel isto e está em concordancia com o que nos informam alguns escritores antigos acêrca do nosso estado de civilização naquella epoca. É o phenomeno a que já me referi e que, consoante pensa aquelle esclarecido autor, reflecte a ausencia de influencias artisticas estranhas, condensa a arte de um povo entregue a si¹.

Mas que este horror do publicista francês não se consuma todo no pasmar das nossas estatuas avoengas; na Gallia dos esmaltadores de Alesia e dos ceramistas de Condatomagus, tambem ainda se não extinguiu a raça de artistas capazes de realizar uma obra como o guerreiro celta de Grézan, em que os braços adherem ao tronco, os olhos são indicados por meio de traços, etc. Pôde haver, como em as nossas, alguma degradação do tempo, mas a pericia artistica do escultor gaulês,

¹ Este *entregue a si* entenda-se em termos. Ao escultor é que faltava educação artistica para a reprodução da fôrma humana; mas, como explanarei depois, a ornamentação architectural da epoca, revelada nas ruinas dos nossos castros, presume a influencia material de productos que o commercio trazia (Cartailhae) e que, pela sua ornamentação, serviam de paradigma á decoraçào architectonica nos oppidos, como a Citania de Briteiros, a cidade de Ancora e mais agora o castro de Cendufe. São phenomenos que se repetem na historia da arte.

que cinzelou aquelle monumento, e a do que na Gallecia esculptou as figuras de pedra dos nossos castros, deviam correr parelhas uma da outra¹; e na Italia mesmo, ao lado de productos que ainda hoje reverberam um elevado sentimento artistico, o escultor indigena tambem produzia monstros como o que se nos depara em Montelius (*ob. cit.*, est. 199, n.º 4 a e b), e que consiste numa cabeça de estatua procedente da provincia de Grosseto.

Seja isto dito sem vislumbre de represalia patriótica e apenas de muito boa sombra, por amor da verdade. Ainda nos nossos dias o escultor indigena, entregue ás suas aptidões, é capaz de produzir obras como todos temos visto por ahi.

2. Sua interpretação

Crença geral—Estatuas menires de Aveyron—Discussão do caracter divino das nossas—Identidade iconographica—Distribuição geographica—Estellas e estatuas—Razões de peso—Analogias—O uso do torques—Estatuas dos *heroa*—Hypotheses.

A estatua militar do castro de Cendufe, se não estivesse mutilada, seria mais uma replica do typo fundamental que todas as outras re-produzem e alem d'isto provém de um oppido lusitano do norte de Portugal, igualmente como as suas congengeres; enfileira-se, pois, ao lado de todas as outras, quer pela procedencia, quer pela iconographia.

Que significam estes dois factos tão conformes?

Esta pergunta fi-la a mim mesmo depois da leitura de um estudo, publicado na *Anthropologie* de 1901 (t. XII, p. 595), intitulado «Estatuas-meneires do Aveyron, do Tarn e do Herault», pelo P.^o Hermet.

Até agora, e creio que sem discrepancia, estes curiosos monumetos tem sido considerados simultaneamente:

1.º, como effigies de guerreiros lusitanos ou gallaicos.

2.º; como monumentos tumulares.

O Sr. Dr. Leite de Vasconcellos fornece duas razões para a 2.^a alinea: a) a natureza da epigraphe da estatua de Vianna e das dos toros de Hespanha; b) o costume de se collocarem estatuas nas sepuluras (*Arch. Port.*, VII, 26). A comprovação adduzida pela de Cendufe, em consequencia do caracter autenticamente iberico do seu es-cudo, vem fortalecer a 1.^a alinea d'esta interpretação.

Comtudo, algumas considerações se poderão fazer a ventilar a hypothese homonima das chamadas estatuas do Aveyron.

¹ *Comptes-rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles lettres*; 1901, p. 280.

O autor da memoria impressionava-se com duas circumstancias, que concorriam naquelles monumentos, para os considerar imagens de divindade; uma era a completa identidade de todas, depois de serem em numero de 22; a outra era o seu apparecimento exclusivo no perimetro de tres departamentos limitrophes. D'aqui inferia que ellas obedeciam a um typo ideal e tradicional, escrupulosamente conservado por um povo que tinha o mesmo culto, e que pois o caracter religioso e sagrado d'estas figuras se impunha ao seu criterio. Ponderava mais que a pedra de que eram feitas as figuras-meneires de Aveyron não era a propria d'aquella região, mas devia ter sido levada de localidades afastadas, o que só a ideia religiosa explicava satisfatoriamente. Estavam, pois, ali idolos de pedra, dos que o povo christianizado se obstinava em venerar idolatricamente¹.

Digam-me agora se estes motivos innegavelmente ponderosos (excepto um que é inapplicavel) não são perfeitamente adequados ás chamadas estatuas de guerreiros lusitanos?

Em primeiro lugar as nossas figuras são tão parecidas entre si, não só no armamento e traço como no caracter da escultura, apresentam tal uniformidade e fixidez de características que não sei como podem deixar de revelar a existencia de um typo fundamental, hierático, a que o escultor se cingia religiosamente. São tão semelhantes entre si neste particular que se podem olhar como replicas servis do mesmo modelo iconographico, embora real².

¹ O P.^o Hermet afirma que as figuras de Aveyron estavam esculpturadas de todos os lados e em vulto (*ronde-bosse*), e por isso eram *estatuas*; mas além d'isto eram *menires*, por terem estado fincadas verticalmente no solo. Com estes dizeres, dá-nos elle a reprodução graphica dos monumentos. Mas d'ahi digo eu que mal merecem o nome de *estatuas*, pois que mais verdadeiramente são estelas esculpidas, que conservaram a sua fórma laminar e os relevos, muito tennes, são contornados por sulcos e não torneados. A figura humana nestas pedras representada é antes uma gravura do que uma estatua, e tanto que, lateral e inferiormente, existe a superficie inerte da estela sem gravura alguma. São, pois, mais rigorosamente monumentos esteliformes ou menires anthropomorphicos, do que estatuas-meneires na linguagem do A. As nossas é que são estatuas, no mais rigoroso da palavra.

² O Sr. Dr. Leite de Vasconcellos (*Religiões da Lusitania*, II, 140) escreve a proposito de Endovellico: «Se todas as estatuas e estatuetas que se encontram fossem iguaes, poderiam considerar-se como representações do proprio Deus; ellas porém são desiguaes e por isso devem, pelo menos algumas, attribuir-se a dedicantes». Parece que S. Ex.^a e meu mestre não estaria distanciado do pensamento, aliás reservado, do discipulo. Estas é que não podem ser mais iguaes.

Alem d'isto o trabalho artistico, a interpretação escultural é tão uniforme que chegam a parecer obra de um só cinzel, o qual sempre e da mesma fórma esculpia os braços, torneava aquelle busto inteiriçado, collava aquellas pernas inflexiveis e até parece que as decepava inexoravelmente pelos artelhos para as firmar num plinto de pedra (excepção para a de Cendufe, talvez).

Isto quanto ás figuras em si. Se agora olharmos á sua distribuição geographica, o factó archeologico assume tal individualização, que não pôde ser tomado em pouca conta para qualquer illação a tirar, seja ella qual fôr. A região especializada pelo apparecimento d'estes importantissimos monumentos dilue-se nas actuaes provincias da Galliza na Hespanha, do Minho e Trás-os-Montes em Portugal ¹.

Das estatuas esteliformes de *Aveyron* occuparem uma determinada area geographica, deduziu o A. da Memoria citada a existencia de um povo que tinha o mesmo culto, o mesmo idolo. Uma d'estas estatuas, a de *Mas d'Azays*, ainda tinha por si esta notavel circumstancia; acompanhava uma sepultura de inhumação, em todo o caso esteril de espolio.

Os pontos de contacto com as nossas estatuas lusitanas tornam-se tão conformes, que as conclusões parece que mal poderiam divergir.

Ajunte-se a isto o que nas *Religiões da Lusitania*, II, pp. 158, 277, 302, etc., o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos deixou firmemente estabelecido: que alguns dos cultos preromanos da Lusitania constituíam manchas geographicas bem delimitadas na sua distribuição.

¹ Em territorio portuguez existem actualmente oito estatuas mais ou menos completas:

1. Santo Ovidio de Fafe (Museu de Guimarães).
2. S. Jorge de Vizella (Museu de Guimarães).
3. Vianna do Castello (Museu do Porto).
4. Lezenho de Montalegre (Jardins da Ajuda).
5. Lezenho de Montalegre (Jardins da Ajuda).
6. Capelludos em Villa Pouca (Museu Ethnologico).
7. Ponte de Cabeceiras de Basto (no sitio).
8. Cendufe em Valdevêz (Museu Ethnologico).

Existiam mais duas de que ficou memoria:

9. S. Martinho de Britello (*Rev. de Sciencias Naturaes e Sociaes*, IV, 192).
10. Midões (*Noticias archeologicas de Portugal*, por E. Hübner, p. 108).

Na Galliza mencionam-se duas:

11. Castro de Rubias (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 2519).
12. Vilar del Barrio (*Corp. Inscr. Lat.*, II, 2519).

É em consequencia d'esta distribuição geographica que E. Hübner considera de *Gallaeci Bracari* estas estatuas (*Noticias Archeologicas de Portugal*, p. 110).

Sobre as sepulturas, o que a ethnographia da epoca romana nos subministra são estelas ornadas de baixos-relevos. Assim a representação de Marte numa de Meaux, descoberta em 1896 para citar um exemplo da Gallia (*Rev. des Études anciennes*, 1901, p. 344); a de Ares na Lusitania (*Rev. Archeologica*, I, 52, e cfr. *Relig. da Lusitania*, Dr. Leite de Vasconcellos, II, 314), a de Melgaço com duas figuras votivas talvez (*Arch. Port.*, XII, 277) e, melhor ainda, a de *Caesa*, em Viseu, na qual a figura é claramente o simulacro esculpido da defunta (*Rev. Archeologica*, I, 81).

A estela porém com baixo-relêvo não pôde deixar de se considerar como caminho logico de transformação para a estela-estatuaria; uma é a escultura simples; outra a perfeita estatuaria. Este raciocinio explica bem a concepção que pôde tornar equivalente no culto funerario a estela e a estatuaria, mas por outro lado deixa livre o campo para se estabelecer a hypothese corrente ou a que desapegadamente proponho agora.

Isto ponderado, com que razões se contesta que, em lugar de termos nestas estatuas a representação pessoal do guerreiro sepultado, como até agora tem sido fé, não tenhamos preferivelmente o icone de um deus, o objecto de um culto preromano, circunscrito a um ramo particular de iberos, como os outros cultos de *Ataegina*, de *Navia*, etc., para os quaes, no lugar de estatuas, apparecem apenas epigraphes falantes?

Não se dá aqui o caso de se reconhecer tambem que só a ideia religiosa pôde explicar satisfatoriamente estes factos da uniformidade iconographica e da delimitação geographica?

Eu confesso que estas duvidas me surgiram através da leitura do artigo a que me reporto, e tão sinceramente como as aqui expendo; mas não sei que preconceito me prende á velha concepção da effigie do lusitano defunto, acaso divinizado, que não ousou professar desde já abertamente a hypothese do culto de uma divindade guerreira¹.

Como e porque, se estes monumentos eram o retrato do morto, elles só apparecem dentro de determinado perimetro, ao noroeste da Península, sendo alem d'isto a *cetra* de Cendufe uma arma tão generalizada nos Iberos, e tão d'elles todos, que teve as honras de cunhos monetarios coloniaes? Parece que melhor responderia a isto a existencia de

¹ Um attento exame d'este estado psychologico parece revelar-me que a sua razão é a falta de certo elemento decisivo de criterio. Esse elemento seria uma epigraphe dedicatoria a Marte.

um culto especial de certa divindade, do que o uso funerario de determinada provincia na simples homenagem dos seus mortos.

São os cultos de caracter religioso que se especializam d'esta fórma local, de maior ou menor extensão; o mesmo succederá aos costumes puramente funerarios?

Pois este rincão do noroeste da Iberia é que ha de ser o unico depositario das *imagines* funebres dos seus guerreiros, cujo armamento aliás não só não era differente dos de toda a peninsula, mas tão igual que no modesto castro de Cendufe fomos encontrar uma adarga ornamentada do mesmissimo desenho, que distingue o reverso de numismas cunhados na Hispania?

A estatua lusitana de Vianna teria nesta hypothese uma explicação do busto que orna o pedestal, em que elle mergulha as plantas. Este seria a *imago* do defunto; a estatua, o icone divino. Nas ideias correntes este dualismo de figuras fica um tanto mysterioso. Verdade seja que para outra explicação, mais adequada ás ideias acceitas, o busto poderá ser o do dedicante, e a estatua, a *imago* do guerreiro, acaso divinizado. Mas pertencerá o pedestal á estatua?

Ha ainda uma consideração, cujo valor para o meu caso submetto á critica. É conteste sentir de todos os archeologos que tanto as nossas estatuas humanas, como as zoomorphicas de Guisando, Trás-os-Montes, etc., tem a natureza de figuras sepulcraes, não podendo deixar de se dar a estas ultimas um sentido religioso. O porco ou o touro, seja o que for, era um emblema divino; era pelo menos um intermediario, um mediano da prece.

Que relação directa tinha uma figura de *animal* com o despojo mortal de um ente *humano*? Pura concepção religiosa. E não poderá parecer agora natural que, em substituição do mytho-animal, sectarios da mesma mythologia collocassem outras vezes sobre a sepultura um mytho-homem, sem que, nem naquelle caso por absurdo, nem neste por analogia do caso em que era absurdo, houvesse o intento de reproduzir o simulacro do mesmo defunto?

Eram duas fórmas diversas, mas succedaneas e igualmente acreditadas, do mesmo rito e da mesma concepção, alheias ambas á representação directa do guerreiro...

Posso eu demonstrar que isto é assim e não de outro modo? Não posso, não sei; mas eu tambem não reclamo, pelo menos para esta hypothese, senão o mesmo grau de possibilidade e acceitação de que goza a outra.

Por outro lado, que obices se poderiam levantar contra esta concepção? O deus ali representado teria um caracter perfeitamente defi-

nido de guerreiro. Não um Marte classico, que seria anacronico naquelle traje e armamento, mas um Ares tradicional, como lhe chamam escriptores gregos. Que esse deus localizado revestisse uma iconographia por assim dizer da actualidade, sendo apresentado com o equipamento de guerreiro lusitano, nada seria de admirar. A civilização romana infiltrou-se tardiamente nas nossas provincias do norte, de fórma que as representações de Marte ou Ares podiam explicavelmente ainda não obedecer aqui ao typo classico da iconographia dos conquistadores.

Um Marte gaulês, de Norante, que vem na *Rev. des Études Anciennes* (v, n.º 3, est. VI) cinge-se tambem de um saio nacional, mas a composição nada se assemelha. Nas *Antiquités nationales (Bronzes figurés de la Gaule romaine)* de S. Reinach (p. 58, n.ºs 39 e 40) ha dois Martes decepados a meio das tibias, como as nossas estatuas. No *Répertoire de la statuaire grecque et romaine* (II, 1, 196) o mesmo publicista reproduz porém a figura de um chefe gaulês do tempo de Augusto, decepada pelos joelhos e assente em pedestal¹; a attitude é analogá á das nossas estatuas, a loriga é uma cota imbricada (*cataphrata*); procede de Vachères (Avinhão). A p. 186 vem um Ares ou guerreiro de Cortona com inscripção etrusca sobre a perna, tal como em Vianna. Na mesma collecção podem ver-se Ares diversos com aspecto perfeitamente local (t. II, vol. I, pp. 179-192 e 792-794 e III, pp. 55-61 e 244-245).

Estes factos podem não ter absoluto parallelismo com o que me occupa o estudo presente; creio, porém, que existe uma relação entre todos, que pôde ser maior ou menor conforme as circumstancias.

As nossas estatuas estão todas torquadas.

Era do traje guerreiro primitivo, e isto não só exclusivo de ibero mas extensivo ao celta, pelo menos². Verifica-se o seu uso nas estatuas e nos frisos em que certos povos foram representados na antiguidade; escuso documentar com citações esta asserção. Comtudo M. Camille Jullian, num estudo intitulado «Remarques sur la plus ancienne religion gauloise» (*Rev. des Études Anciennes*, VI, 49) pensa que o porte do torques no collo do guerreiro tinha um sentido divino.

¹ Cita-se a *Revue Archéologique*, 1893, est. 19.

² *Colla viri fulvo fulgebant lactea torque*, verso de Silio (IV, 154) referido na *Rev. des Études Anciennes*, que cito no texto, e só inapplicavel ao ibero nos *lactea colla*. C. Jullian adduz tambem Floro, Justino e Quintiliano.

Reinach (*Bronzes figurés de la Gaule romaine: Antiq. nation.*, p. 198) disserta sobre a frequencia do torques na epoca gallo-romana, como attributo de divindades, citando textos de Floro (I, 20, 4), de Justino (XLIII, 5, 7) e de Quintiliano (VI, 3), e lembra a profusão de torques nas moedas gaulesas. Os deuses da Gallia são ornados de torques (Reinach, *ob. cit.*, p. 185, 175, 181, etc.). Podem ver-se no *Catalogue* do museu de S^t Germain (3.^a ed., 1898) p. 28, n.º 28:219 da sala XIX (XXI) e p. 34, n.º 25:327 da mesma sala.

Em Babelon (*Description historique et chronologique des monnaies de la république romaine*, II, p. 108), para se ver que o torques era attributo da divindade, elle lá apparece em redor do busto de Salus nas moedas de D. Jun. Silano, do de Sileno (*id.*, pp. 109 e 110) e da deusa Roma em numisma de L. Manlio Torquato (*id.*, p. 176), de quem um antepassado (T. Manlius Imperiosus) mereceu aquelle cognome, por ter arrebatado a um gigante gaulês o seu torques em combate singular (cfr. tambem *Relig. da Lusitania*, pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, IX, p. 18).

É certo que com isto fica demonstrado que, se o guerreiro antigo se adornava do fulvo torques, mystico emblema da sua força como diz Reinach (*loc. cit.*, p. 118), nem por isso este attributo deixava de ter seu character religioso, nem por outro lado era antagonico com a iconographia de um Ares.

Consequentemente, se as estatuas lusitanas estão adornadas no collo de granito pelo torques, grosseiramente indicado nas duas de Montalegre e na de Capelludos, esta circumstancia não repudia nellas o character religioso, antes o attrae.

Deve attender-se a que se póde considerar assente que estes monumentos eram collocados nas sepulturas dos guerreiros, semelhantemente á inhumação prehistorica de Mas d'Azays.

O torques no busto do deus estava onde devia estar; se o guerreiro o enfiava no seu collo seria por um como emprestimo do mavortismo divino¹; porque até lh'o restituia como offerta. *Marti suo torquem*, diz Florus, in *Revue des Études Anciennes*, IV, 230, nota 3. Da divindade hauria a sua força e o emblema.d'essa mystica transmissão era o fulvo torques².

¹ Não posso deixar de citar o facto curioso de um centurião ser adornado com torques e armilhas. Assim é no cenotafio de M. Caelius, como se vê no *Catalogue* do museu de S^t Germain, p. 40, n.º 24:430, sala xx (xxII).

² Os mais excellentes seriam fulvos de ouro; mas os de bronze, que seriam os mais communs, tambem eram fulvos, em summa. Nós é que os não conhecemos

Forçoso é porém reconhecer que a postura habitual de Marte era com um braço erguido em altivo porte de lança. Nada d'isto coincide com as nossas figuras de pedra. Poderia allegar-se que essa attitude excedia a capacidade artistica dos escultores locais. Mas tambem pôde allegar-se que, em região bem distante e ainda isenta de influencias classicas, ha imagens de guerreiros em comparavel attitude (Veja-se *Die Urgeschichte des Menschen*, por Hoernes, p. 476; figuras de Chipre e da Sardenha).

O culto de Marte era preponderante nos lusitanos e montanhesees do norte, diz Cam. Jullian, citando Estrabão, III, III (*Rev. des Études Anciennes*, IV, p. 107, nota 7. Cfr. *Relig. da Lusitania* pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, II, 95). Certamente a averiguação geographica do predomínio d'este culto na peninsula iberica seria util fazer-se, mas isso demandava folego que eu confesso não possuir, e para o presente estudo não constitue falta insanavel.

Ainda com razões de não menos peso se poderiam attribuir as estatuas lusitanas á necrolatria existente. Seriam ellas os icones dos *heroa*, dos chefes militares divinizados? A estatua de Vianna acompanhada do busto poderia ser tambem neste caso o simulacro do guerreiro divinizado e o do dedicante do monumento. Para este lado me inclino mais.

O culto religioso dos heroes, mortos ou vivos, estava nos habitos de muitos povos antigos. C. Jullian, tratando este assunto com relação aos gaulêses, diz que elle se encontra nos mauritanos, nos ligures e sem duvida tambem existia nos iberos.

Não seriam as nossas estatuas as de heroes eponymos d'este ou d'aquelle oppido?

assim. D'aquelles occupa o fastigio, como joia verdadeiramente nacional, o de Sintra, de que não possuímos nem sequer reproducções. Não posso na verdade perfilhar a attribuição que lhe dá o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, de xorca para a perna. A disposição conica dos 3 rolos ou lunas, de que se compõe aquella incomparavel peça, está a corresponder ao arqueamento natural da raiz do busto. A presença das campanulas ou calices dos dois lados da joia torná-la-hia impropria para ser trazida ao fundo da coxa, pois que o vaevem e cruzamento constante dos membros locomotores determinariam a possibilidade senão a certeza, ao menor desvio da trajetoria normal, de um choque prejudicial á conservação d'aquelles appendices.

Na disposição das diferentes partes do collar da Penha Verde ha uma grande analogia com a de um que O. Montelius reproduz a p. 84 dos *Temps préhistoriques en Suède*. E este é um torques tambem.

Ha uma consideração que pende na balança para este lado. Na verdade é cousa estranha que a divinização marcial, cujo icone assinalava a sepultura do lusitano, não tivesse uma dedicatória nominativa; parece que seria mais admissivel suppor que, embora estatua divina, corresponderia a uma concepção tambem mythologica, mas extra-olimpica, isto é, que consistisse na representação de um heroe divinizado. E neste caso a epigraphie de Vianna estava justamente formulada.

Qualquer que seja o conceito em que se tenha a natureza d'estes curiosos monumentos da escultura primitiva, creio que não poderão deixar de se considerar como demonstração vaga de um culto funerario dirigido a entes superiores que, pela morte, tinham emigrado para a região dos deuses, compartilhando da poderosa situação d'estes.

Seriam pelo contrario simples guerreiros aos quaes se conferiam aquellas rudes estatuas como distincção¹, ou antepassados aos quaes se prestava um certo culto?² Seriam os *heroa* nacionaes ou locaes que assim se revestiam de um aspecto iconographico, immutavel e fixo, ou seriam simulacros de um deus guerreiro, ornado do emblema da força militar e combatente, do aureo torques, ao qual uma região perfeitamente circunscrita prestava o seu culto proprio?

São hypotheses, bem sei; mas o nosso espirito tende naturalmente a buscar as razões dos factos e das cousas e, de se ter affirmado até hoje que as esculturas lusitanas eram estatuas de guerreiros indigenas, só porque o armamento e o traje respondiam á descrição feita por escritores antigos, pareceu-me que se podia partir para outras hypotheses, discutiveis é certo, mas que talvez no futuro possam tomar alguma consistencia, porque em summa sempre são apoiadas com alguns argumentos.

Não ousou romper este côro tradicional, impugnar este quasi voto official; mas pretendo que se reconheça, que não é só aquelle conceito que pôde merecer o favor da archeologia, e que se me afigura assistirem razões de peso, fora da concepção classica. Creio ser necessario que a ethnographia antiga, já nacional, já estrangeira, colha melhores textos ou melhores factos para se poder tomar sobre o problema uma resolução segura.

¹ É o pensar de E. Hübner nas *Noticias Archeologicas de Portugal*, p. 107.

² Referindo-se aos gaulêses C. Jullian, na *Rev. des études anciennes* (IV, 234) diz que não ha prova alguma de que naquelles povos existisse o culto dos mortos ou dos antepassados antes da conquista romana.

3. Celtas e iberos. Considerações finais

Acabamos de ver que na estatua mutilada de Cendufe tudo recorda epochas arcaicas da civilização, a começar na brilhante cultura do bronze¹, como se o equipamento d'aquelle guerreiro nos avisasse de que os homens, que ainda conservavam esse traje antigo da sua patria em tempos abertamente do dominio de Roma, não eram immigrados de recente data, mas permaneciam aqui fieis aos seus habitos primitivos através das mudanças de dominadores. A grande differença que o armamento iberico faz do gaulês como que é o reflexo externo de outra differença intima, que existiria entre estes dois grupos de povos, apesar da sua cohabitação na peninsula e em especial nesta parte.

Duas ordens de fontes nos annunciam a existencia de celtas no noroeste da Peninsula. Restrictamente P. Mela colloca ahi uns povos *celticos*, qualificativo que denota uma ideia de derivação ethnica ou de dependencia politica relativa a um conjunto de povos, e que parece ter a sua correspondencia nas menções pluripominaes de habitadores feitas por Estrabão, Ptolemeu e Plinio, dentro de uma area pouco extensa, menções ás quaes não póde deixar de se attribuir um valor geographico.

A epigraphia lusitano-romana, pela voz da philologia, nos previne tambem de que o sangue celta era abundante na Lusitania. Por outro lado o factio archeologico que tem sido alvo d'este estudo, e que se reproduz dentro de determinado perimetro nas oito estatuas agora conhecidas (alem das que se perderam), parece que nos precavê tambem contra uma exagerada generalização ethnica, mostrando-nos a sobrevivencia de uma tradição que, apegada aos velhos usos nacionaes, decerto reagia contra invasões de costumes novos e comprovava a ascendencia mais afastada do equipamento.

Poderei illudir-me nesta concepção, porque as bases não são muito solidas, especialmente á luz tenue do meu juizo, mas creio ver na estatua do chamado guerreiro, não o icone de um celta, apesar do provavel predominio da sua raça mais culta sobre os habitantes mais antigos da região, mas a de um d'esses habitantes, de um lusitano ou de um gallaico divinizado.

(*Continua*).

FELIX ALVES PEREIRA.

¹ Que o armamento era protohistorico já foi dito algures pelo Sr. Director do *Archeologo Português*. Julgo, porém, que é licito recuar mais. Cfr. E. Hübner, *Not. archeol. de Portugal*, p. 110.